

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MARIA DE SOUSA VELOSO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROCESSO DE
LEITURA E LUDICIDADE E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO X PROFESSOR**

PICOS

2015

MARIA DE SOUSA VELOSO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROCESSO DE
LEITURA E LUDICIDADE E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO X PROFESSOR**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: Prof^a Ma. Maria da Conceição Rodrigues Martins.

PICOS - PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

V443c Veloso, Maria de Sousa

A contação de história na educação infantil no processo de leitura e ludicidade e a formação do pedagogo x professor / Maria de Sousa Veloso – 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (70 f.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016

Orientador(A): Prof^ª. Ma. Maria da Conceição Rodrigues Martins

1. Educação Infantil. 2. Formação de Professor. 3. Ludicidade-Contação de histórias. I. Título.

CDD 372.3

MARIA DE SOUSA VELOSO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROCESSO DE
LEITURA E LUDICIDADE E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO X PROFESSOR**

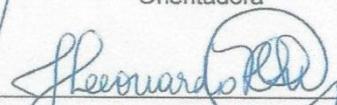
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da
Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB,
como requisito parcial para obtenção do título de
graduada, sob a avaliação da seguinte comissão
examinadora:

Aprovada pela Comissão Examinadora, em Picos - PI, 26 / 02 / 2016.

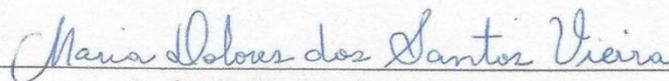
COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Ms. Maria da Conceição Rodrigues Martins
Orientadora



Prof. Dr. Jose Leonardo Rolim De Lima Severo
Examinador



Profa. Ms. Maria Dolores dos Santos Vieira
Examinadora



A minha família, pelo amor, carinho e atenção, e em especial aos meus pais, sobrinha, irmã e tia que sempre me deram forças, me ensinando a lutar com fé em DEUS e a nunca desistir dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

A DEUS primeiramente, porque sem ele eu não existiria e nem estaria onde hoje estou, agradeço por ser TUDO em minha vida.

A minha família, e em especial a minha mãe Maria Ivete, meu pai Emídio, minha sobrinha Maria Isabelly, a minha irmã Maria Letícia e a minha tia Ângela que lutaram para que eu chegasse aonde hoje cheguei, me ensinando a sempre lutar com muita fé em DEUS, a nunca desistir diante de qualquer obstáculo e a acreditar na capacidade que ELE me deu para conquistar o que para mim parecia ser impossível.

Aos meus colegas de classe, especialmente Leidiana Borges, Maria da Cruz, Medianeira Carvalho, Francisca Sandra, Edith Cristina e Elane Ferreira, pela paciência, pelos momentos difíceis e de aprendizado, pois ambos foram e continuam sendo de grande valia para o meu processo de formação.

Aos professores e a todas as pessoas que de modo direto ou indiretamente contribuíram para o meu desenvolvimento ao longo do curso.

Aos membros da banca examinadora que se dispuseram a contribuir com nosso trabalho, obrigada.

Não poderia deixar de agradecer de forma especial a minha orientadora Maria da Conceição, por suas orientações que me guiaram para a objetivação do presente trabalho, pela seriedade, dedicação, motivação e confiança, e por desde o início ter acreditado em mim.



“Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.” (Marisa Lajolo).

RESUMO

O presente trabalho discute a relação da contação de história com educação infantil e a formação do pedagogo. Considerando esta como importante artefato cultural para a formação do sujeito em formação, algo que revela por conseguinte a importância de estudos sobre a Literatura infantil na formação do Pedagogo. O estudo, com abordagem qualitativa, instaura-se como pesquisa participante, considerando os momentos vivenciados no processo investigativo, ocorrendo nas salas de Infantil I e II da Escola Municipal Dorinha Xavier e no Instituto Educacional Frei Galvão; ambos situados na Cidade de Picos-Piauí, bem como os momentos de participação nas aulas de Literatura Infantil no Curso de Pedagogia, no período de 2015.2. Esses dois momentos nos possibilitaram realizar importantes reflexões acerca da importância da Literatura Infantil para as crianças e para os professores que atuam nas respectivas salas de aula, bem como os pedagogos em formação. Assim, objetivamos sistematizar essas reflexões sobre as contribuições proporcionadas pela literatura infantil através da contação de história no processo de ensino e aprendizagem da criança e na formação do pedagogo. Para fundamentar a discussão buscamos apoio teórico em Ariès (2011), Lajolo (2009), Bettelheim (1980), Coelho (1999), Abramovich (1997), Cademartori (2010), Constituição Federal de 1988, entre outros. Concluímos que se faz necessário preparar o profissional que atua na educação infantil, o pedagogo, considerar a importância deste dentro do currículo, pois por vezes esta não é valorizada, afim de que o futuro docente possa adquirir o conhecimento e a consciência desta importante ferramenta, e assim fazer uso dela com responsabilidade e competência. A análise dos dados colhidos revelam que a arte literária possibilita grandes contribuições tanto para o professor que ao fazer uso dessa ferramenta assume o compromisso para com a infância, como também para a criança que sendo ela de escola pública ou particular, desenvolve sua criatividade, leitura, imaginação, curiosidade pela busca do saber, tornando-se um ser mais livre por realizar novas leituras de mundo.

Palavras-chave: Educação infantil. Contação de histórias. Formação de professor.

ABSTRACT

This paper presents the relation of story-telling with children's education and the formation of the pedagogue. Considering this as an important cultural artifact to the formation of the subject in training, something that reveals therefore the importance of studies on children's literature in the formation of the educator. The qualitative research, is established as participatory research, considering the experienced moments in the investigative process, taking place in the halls of Child I and II of the Municipal Escola Municipal Dorinha, and Instituto Educacional Frei Galvão; both located in the city of Picos / Piauí as well as the moments of participation in the Children's Literature classes at the School of Education of UFPI at 2015.2 period; these two time s made us make important reflections about the importance of children's literature for children and for teachers who work in their classrooms and educators in training. Thus, we aim to systematize these reflections on the contributions provided by the children's literature through storytelling in the teaching and children's learning and the formation of the pedagogue. To support the discussion we seek theoretical support in Aries (2011), Lajolo (2009), Bettelheim (1980), Rabbit (1999), Abramovich (1997), Cademartori (2010), Brazil (1998), among others. So we conclude that it is necessary to prepare the professionals who work in early childhood education, educator, considering its importance within the curriculum, because sometimes it is not valued, so that the future teacher can acquire the knowledge and awareness of this important tool, and so make use of it with responsibility and competence. The analysis of the collected data shows that the literary art actually allows large contributions for both the teacher to make use of this tool assumes the commitment to childhood, but also to the child that it is public or private school, develop their creativity , reading, imagination, curiosity about the search for knowledge, becoming a being freer to perform new interpretations of the world.

Palavras-chave: Early childhood education. Storytelling. Teacher training.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2. INFÂNCIA, LITERATURA E ESCOLA: HISTÓRIAS A SE CONTAR..... | 13 |
| 3. PRINCÍPIOS NORTEADORES DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 22 |
| 4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ARTE LITERÁRIA E COMO MEDIÇÃO PEDAGÓGICA..... | 29 |
| 5. METODOLOGIA APLICADA..... | 39 |
| 5.1 Apresentação dos dados pesquisados..... | 42 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 48 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |
| APÊNDICES..... | 53 |
| ANEXOS..... | 68 |

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe um estudo sobre a relação da contação de histórias na educação infantil e a formação do pedagogo/a, como forma de compreender e analisar a reação e influência desta para o desenvolvimento da criança e da docência que atua na infância, o que nos leva a refletir sobre o valor da literatura infantil tanto para as crianças quanto para o professor em formação.

Desde os tempos mais remotos, a contação de histórias sempre fez parte da necessidade humana de se comunicar, dialogar, transmitir conhecimento, enfim, construir cultura. Com isso, as histórias eram contadas pelos mais velhos, muitas vezes ao redor de uma fogueira, o que muito despertava o imaginário infantil devido o local e maneira (expressão facial e corporal, tom da voz) que faziam a diversão e curiosidade aparecer em cada pequeno olhar.

Fico a pensar no homem primitivo, à entrada da caverna, noite de luar, fogueira acesa para aquecer o corpo. De que falariam entre si? Da faina do dia, caçadas, peixes que pescaram, chuva, sol, contendras, troféus, estrelas distantes que talvez fossem deuses, lendas contadas pelos antepassados. (COELHO, 1999, p. 8).

Entretanto com o passar do tempo juntamente com o avanço tecnológico, esse encanto e paixão por ouvir e contar histórias foi adormecendo dentro de cada indivíduo, fazendo-se necessário resgatar por serem fundamentais na vida do ser humano, pois além de promover a criatividade, imaginação, conhecimento, também contribui para a construção de sua própria identidade.

Anteriormente ao século XVIII, a infância não era considerada uma fase diferente a do adulto. A criança era vista como um adulto em miniatura, não havendo um olhar mais cuidadoso para com esses pequenos. “(...) A criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida (...)” (ARIÈS, 2011, p. 22). Todavia, a partir deste século passaram a descobrir a infância como uma fase que fazia-se necessário maior cuidado e atenção, com isso instituições de ensino foram criadas especificamente para esse público e devido a esse movimento também surgiu a literatura infantil com a finalidade de atender às necessidades das crianças e consequentemente, da sociedade.

Para Lajolo (2009) a literatura infantil é considerada uma arte que ensina sobre o mundo através dos versos, frases, imagens. É com ela que a criança se descobre, aprende a fazer diferentes leituras, a desenvolver um olhar crítico sobre as coisas, a se relacionar consigo mesma e com o próximo, a construir aprendizado por meio da criatividade, imaginação provocada pelos contos de fadas e conseqüentemente pela contação de histórias, porque esta além de proporcionar diversos conhecimentos, faz da fantasia uma realidade sonhada e esperada por cada criança.

A contação de histórias é indispensável na fase infantil, a saber, que muitas vezes é nestas que o indivíduo encontra a solução para seus problemas, porque assim afirma Bettelheim (1980, p.21): "(...) A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento (...)". E essa influência pode-se estender até a vida adulta percorrendo um caminho de grande aprendizagem e descoberta sobre si mesmo, a vida e o mundo a sua volta.

Não se pode negar o fato de que não dá para falar da formação do profissional docente que atua na educação infantil sem falar desta modalidade literária. Um pedagogo comprometido com a educação reconhece a importância existente na literatura no processo de ensino e aprendizagem da criança. Nesse aspecto, é necessário que a literatura infantil se faça presente na formação docente, a fim de que o futuro pedagogo obtenha contato com esta, podendo vivenciá-la na ação profissional, desde que o meio social o qual se insere possibilite essa vivência, pois não é possível ensinar aquilo que não se sabe.

Considerando o currículo como uma importante ferramenta no processo de formação do indivíduo, credenciando a este relevante papel no processo formativo, numa perspectiva crítica, pois a sociedade esta em constante mudança, e com isso surgem novos desafios e necessidades as quais precisam ser supridas de forma a alcançar uma educação de qualidade, ressaltando que, qualidade essa não somente referindo-se aquilo que é importante na sociedade, mas também na vida do homem no que diz respeito a sua própria humanidade.

A Resolução CNE/ CP N° 1, de 15 de maio de 2006 e As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil abordam um pouco sobre a luta pelo

direito da criança a frequentar uma instituição de ensino gratuita, a importância de se trabalhar com as crianças por meio do lúdico e da interação, e o quanto é fundamental o professor obter essa preparação e consciência no decorrer de sua formação que, por sua vez, deve ser um processo contínuo que também ocorre por meio das relações.

Para o desenvolvimento das discussões conta-se com o embasamento adquirido nas pesquisas e estudos dos referentes autores: Ariès (2011), Lajolo (2009), Bettelheim (1980), Coelho (1999), Abramovich (1997), Cademartori (2010), entre outros que abordam sobre a história da infância, literatura infantil, formação de professor, desenvolvem conceitos, diferentes estratégias e formas de apresentação das histórias, dentre outros mais.

Espera-se que essa pesquisa venha a contribuir para a formação de futuros leitores, que além de criativos e conhecedores de diversas culturas, serão não só cidadãos conscientes e com um bom desenvolvimento cognitivo, mas também pessoas felizes por terem adquirido uma boa infância, pois esta é a base para se trabalhar as habilidades, é a fase que marca a vida do ser humano. É necessário discutir que estes novos leitores terão oportunidades formativas com os pedagogos que atuam nas escolas em que eles se encontram. Mister se faz reconhecer a importância da presença da literatura infantil na formação destes formadores/as.

Também espera-se que a literatura infantil forneça suas contribuições aos profissionais docentes que atuam na área ou não, a fim de que percebam a importância de seu papel para com o processo de educação e com isso possam assumir esse compromisso com dedicação, compreendendo que a formação e o aprendizado se estendem para além da sala de aula, porque a vida também é uma escola.

O trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo mostra um pouco sobre a história da infância e conseqüentemente da literatura, a ideia que se tinha do ser criança antes e depois do século XVIII; o segundo capítulo faz uma discussão voltada a alguns princípios norteadores da formação do pedagogo/a para a educação infantil; o terceiro capítulo relata sobre a contação de histórias como arte literária e como mediação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem das

crianças da educação infantil; e no quarto capítulo é abordado a metodologia aplicada e a apresentação dos dados pesquisados.

2. INFÂNCIA, LITERATURA E ESCOLA: HISTÓRIAS A SE CONTAR

Percebe-se que, desde os tempos remotos, a contação de histórias faz parte da vida do ser humano e o acompanha até hoje com algumas modificações resultantes do desenvolvimento da sociedade, pois essa é uma forma encontrada pelo homem para transmitir seus conhecimentos, saberes e cultura. De acordo com Coelho (1999, p. 8):

(...) Certamente esse homem primitivo fazia silêncio para ouvir aquele que melhor contasse uma história e haveria de ser o que melhor a revestisse de detalhes, sem fugir ao essencial, o que tivesse mais dons de graça, fantasia, aquele que contasse com emoção – como se estivesse vendo o que sua própria fala evocava na imaginação dos companheiros (...).

Assim sendo, nota-se que o homem sempre teve a necessidade de se comunicar, transmitir, se expressar, passar as histórias de um para o outro, de geração em geração, afim de que não sejam esquecidas e sim lembradas e novamente recontadas fazendo a vida mais cheia de mistérios.

Outrora a ideia de infância não era pensada pela sociedade, a criança até então vista como um adulto em miniatura, de modo que seus pensamentos e atitudes eram considerados irracionais, ou seja, não se levava em conta nem percebiam esta como um ser diferente do adulto. Afirma Ariès (2011, p. 17):

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Uma miniatura otomaniana do século XI¹ nos dá uma ideia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão.

A infância até então não era reconhecida, as crianças eram apenas vistas, principalmente na arte, como pessoas adultas com o corpo já desenvolvido, só que em tamanho menor. Quando completavam sete anos faziam atividades igualmente a

seus pais, muitas vezes eram substituídas por outras crianças sem que houvesse qualquer remorso quanto a isso por parte dos adultos.

Na Idade Média, alunos de diferentes idades compartilhavam uma mesma sala de aula e o mesmo professor. Ficavam todos juntos, não levando em conta a distinção entre ser criança e adulto, porque acreditava-se que “Assim que ingressava na escola, a criança entrava imediatamente no mundo dos adultos (...)” (ARIÈS, 2011, p. 109). Com isso percebe-se certa indiferença e falta de sensibilidade para com as diferentes idades e as necessidades em termos de conhecimento correspondentes a cada faixa etária, pois assim, ainda afirma Ariès (2011, p. 109): “(...) Essa confusão, tão inocente que passava despercebida, era um dos traços mais característicos da antiga sociedade, e também um de seus traços mais persistentes, na medida em que correspondia a algo enraizado na vida (...)”.

Só a partir do século XVIII que começaram a pensar na infância como uma fase da vida diferente a do adulto, então perceberam a necessidade de proporcionar a esse público mirim instituições de ensino e junto a essa mudança surge a literatura infantil. Alguns autores como Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, entre outros, dedicaram-se a escrever para o público infantil de modo a atender os seus anseios de imaginar, criar e conhecer o mundo a sua maneira, a fim de voltar um olhar mais cuidadoso e com maior atenção, porque a criança é a base para se constituir uma sociedade justa e democrática, uma humanidade mais humana, é um ser frágil, inocente, cujo mundo é muito mais amplo, vai além da realidade seguindo um imaginário de infinitos caminhos.

A educação é uma questão primordial no desenvolvimento do ser humano, pois é o meio pelo qual é garantido às outras gerações aquilo que um determinado grupo aprendeu. Diante dos vários problemas da sociedade contemporânea, a educação enfrenta vários desafios num mundo cada vez mais plural, diverso e cheio de contradições, tendo que lidar com o diferente na busca da equidade educativa e social. (RODRIGUES, 2011, p. 15).

A sociedade em toda sua longa história sofreu e sofre diversas transformações e, juntamente com ela, também, a educação que acompanha todo esse processo, recebendo alterações devido a sua forte ligação com o meio social. Visto que, a contação de histórias exerce grande influência para esse acompanhamento de fato acontecer de forma prazerosa, focando não somente nos

acontecimentos da sociedade em si, mas naquilo que vem a ser essencial para a humanidade, promovendo um aprender em ambas as partes.

A Educação Infantil, provavelmente seja a fase de ensino que mais faz uso de meios lúdicos, sendo este o momento inicial para uma instrução básica organizada e preparada dentro de uma perspectiva do educar e do cuidar.

Nessa etapa é trabalhada a literatura infantil que vem a serem maneiras de expressões orais e escritas, uma arte de grande valor cuja incentiva o hábito de leitura, permitindo o indivíduo a entrar no mundo da leitura e fazer a leitura do mundo. Tendo como objetivo despertar o prazer pela arte literária através do encantamento provocado pela ludicidade.

“Nos últimos anos do século XX, a noção da importância da literatura infantil na formação de pequenos leitores consolidou-se, integrando a pauta das políticas públicas de educação e cultura (...)”. (CADEMARTORI, 2010, p. 9). É fundamental o incentivo à leitura, e este começa na base com os pequenos para que possam adquirir o interesse e hábito no decorrer de seu crescimento, possibilitando um país de leitores/as mesmo que no acontecer desse caminho haja problemas e transformações diversas.

“(...) Contudo, como a presença dos meios eletrônicos é avassaladora, precisamos reconhecer que a literatura infantil só entrará na vida da criança por uma fenda, nunca pela porta principal (...)”. (CADEMARTORI, 2010, p. 11). Isso refere-se ao fato de que devido ao avanço tecnológico cada vez mais intenso atualmente, visando um mundo mais globalizado, os livros, os contos infantis não causam grande atração para a maioria das crianças. Percorrer esse caminho da leitura por meio da literatura infantil vem se tornando uma passagem estreita e difícil, porém não impossível para quem verdadeiramente acredita na importância e poder de grandes contribuições existentes nos contos de fadas proporcionados pela literatura. De acordo com Cademartori (2010, p. 17):

A literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em lugar de deixá-la cerceada pelas intenções do autor, em livros usados como transporte de intenções diversas, entre elas o que se passou a chamar de “politicamente correto”, a nova face do interesse pedagógico, que quer se sobrepor ao literário.

É através da literatura infantil que a criança percebe possibilidades e caminhos, viajando o universo sem se quer sair do lugar, e a cada viagem se deparam com novos desafios, novas descobertas, curiosidades, dúvidas e certezas. A literatura proporciona ao aluno mais interesse para com a leitura, melhor desempenho na escrita, um olhar mais crítico sobre as coisas.

Um livro de literatura infantil para ser realmente bom, deve conter características como a linguagem adequada ao público infantil, contendo imagens, gravuras, criatividade, é um jogar e brincar com as palavras e sua musicalidade contida nos versos oferecendo conhecimento, encanto e magia, pois enquanto “(...) A linguagem recorta o mundo, a literatura o modela.” (CADEMARTORI, 2010, p. 33).

Isso nos mostra que a criança é um ser sensível e de muita imaginação, por isso ela aprende o mundo não de fato por meio do real, mas através do mágico e do belo, e a literatura traz toda uma ficção, não a fim de contrariar ou até mesmo esconder a realidade, entretanto ensiná-la da melhor forma possível, porque “(...) A ideia de ordem estrita de fatos e fenômenos, sem formas de extensão ou analogia, é insuportável para as crianças (...)” (CADEMARTORI, 2010, p. 33), por isso é que “(...) As variadas formas de subversão da realidade, que livros para crianças costumam fazer, não anulam, é claro, o que é real, apenas jogam com ele, deixando-o em suspensão no espaço e tempo da leitura (...)” (CADEMARTORI, 2010, p. 33).

Visto que, contribuindo assim para a educação do olhar da criança perante a sociedade e o mundo, dada através de um processo de formação do indivíduo, por sua vez, adquirido na escola com o apoio da literatura infantil.

Um fato bem comum nos dias de hoje é que na maioria das vezes são os adultos quem escolhem os livros para as crianças, fazendo julgamento sobre o que pode ou não, o que vai gostar ou não, exigindo até mesmo a leitura sobre pressão sem permitir a criança intervir com a sua opinião, ponto de vista. Isso muitas vezes pode acarretar o desprezo pela leitura, pelos livros, fazendo com que a criança passe a enxergar esse momento como algo tedioso, resultando em muitas dificuldades no seu processo de aprendizagem.

O ensino e aprendizagem é um processo cujo ocorre na escola e no mundo a sua volta. Por sua vez, é através da leitura que se chega ao conhecimento contido nos livros, nas relações consigo mesmo, com o outro e com o universo. São leituras diferentes, que requerem olhares, sensibilidades, sentidos diferentes, mas ao mesmo tempo estão interligados, o que diferencia é a maneira como o indivíduo faz a leitura, pois assim afirma Lajolo (2009, p. 7): “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida (...)”.

Assim, percebe-se que na vida há sempre uma leitura para um aprendizado seja ela formal ou informal, ambas são essenciais, porque “(...) lê-se para entender o mundo, para viver melhor (...)” (LAJOLO, 2009, p. 7).

Infelizmente, em meio às discussões pedagógicas o assunto de literatura muitas vezes é deixado de lado, não considerado importante para o desenvolvimento da criança, para ser inserido no currículo a fim de propor motivação e incentivo aos alunos, direcionando-os ao prazer oferecido pela leitura, e assim gerando diversas contribuições como o hábito de ler, melhor desempenho na escrita, criatividade, imaginação, entre outros, não deixando de levar em conta a realidade e o contexto no qual a criança situa. Assim diz Lajolo (2009, p. 23):

É também fundamental que se entenda que a noção de criança altera-se com o tempo: que a criança da qual falava Rosseau não é a mesma para a qual escrevia Perrault; e que esta, por sua vez, não é a criança para a qual Edmond de Amicis escreveu Cuore; a qual, a seu turno, é diferente do pimpolho para o qual Collodi escreveu Pinocchio, e assim indefinidamente, como na ‘Quadrilha’ de Drummond, em que João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que etc., etc., etc., no rodopio sem fim das cirandas.

Percebe-se que ser criança vem mudando ao longo do tempo, historicamente falando, acompanhando a realidade de cada momento e/ou fase, ritmo da sociedade, de modo que cada criança é uma criança situada nos moldes de cada tempo e/ou época.

Muitos professores ao trabalharem a literatura terminam por colocá-la sob pressão envolvendo atividades em cima valendo nota, esquecendo que de fato a finalidade é despertar no indivíduo o prazer em ler e se maravilhar com as diferentes histórias, levando em conta que o livro, novela, filme é uma leitura de mundo, porque

imagem é algo que prende muita a atenção de qualquer pessoa, seja criança, jovem ou adulto; porém o livro desenvolve melhor o cérebro positivamente, fornecendo mais informações e criatividade. Assim acredita Lajolo (2009, p. 26-27):

(...) Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de criança e de jovem.

Nota-se que a literatura proporciona contribuições tanto para o público infantil como também para a juventude, pois ambas tem em comum o fato de que ocorrem através da construção social, a mudança vem a ser o contexto.

Atualmente ainda é discutida a questão da formação docente, porque infelizmente encontra-se nas escolas professores atuando em salas de aula sem obter a formação adequada e cabível ao posto que assumem. Assim sendo, terminam por não desempenhar o trabalho como o deve fazer, como por exemplo, a ludicidade, esta por sua vez, é proposta por profissional que sabe que toda e qualquer brincadeira realizada na escola tem que ter um objetivo pedagógico, e isso faz parte do pedagogo.

Esse profissional deve adquirir preparação suficientemente de forma a fazer com que o aluno veja significado naquilo que estuda, o sentido de ir a escola e realizar as atividades, de aprender sobre a vida e se maravilhar com as histórias por meio da literatura e contação de histórias, porque “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.” (LAJOLO,2009, p.15).

O pedagogo só argumenta bem e registra bem quando está preparado, e essa preparação ocorre por meio da formação proporcionada pelo curso de pedagogia e formação continuada. De acordo com o que afirma Lajolo (2009, p. 22):

No que respeita especificamente à literatura infanto- juvenil, não parece que sua inclusão como disciplina no currículo de formação de professores de qualquer grau seja, isoladamente, uma solução: não há varinhas de condão, muito embora, recentemente, a literatura infantil (talvez por falar tanto de fadas...) pareça querer atribuir-se a função de resolver os problemas de leitura da escola brasileira.

A literatura é extremamente essencial para a formação do professor, entretanto isso não dá o direito colocar toda uma responsabilidade histórica, social, econômica e cultural em cima da literatura, pois assim como as demais disciplinas contidas no currículo, a literatura também desenvolve o seu papel desde que o profissional esteja ciente de sua importância e saiba manusear essa necessária ferramenta, assim poderá obter resultados positivos na sala de aula.

A literatura tem que seduzir o leitor, e isso será possível se o escritor colocar-se no lugar do outro, procurando compreender seus anseios para então provocá-lo através dos textos que for escrever. É preciso que escritores, professores e educadores levem em conta o público o qual se quer atingir, de forma que a leitura venha lhe causar prazer e curiosidade em querer saber mais, ler mais.

É notório que é importante o professor saber escolher o livro didático a ser trabalhado, e para essa escolha faz-se necessário a desconfiança de modo a não aceitar qualquer um e sim o mais adequado e que ofereça qualidade ao leitor.

O professor no decorrer de sua formação deve compreender que é sempre de grande valor refletir as suas práticas e métodos de ensino, não aceitando toda atividade imposta, porque “(...) Na rotina de tais atividades camuflam-se riscos sérios de alienação da leitura.” (LAJOLO, 2009, p. 72) e em vez de contribuir para o desenvolvimento de um indivíduo crítico, estará formando um ser alienado e passivo. Assim sendo, esse profissional deve procurar sempre inovar, usando a criatividade como forma de adequá-la a realidade condizente aos alunos os quais ensina. Lajolo (2009, p. 74) afirma que:

(...) que os professores lutem por uma formação competente, regular e supletiva, que os liberte da tutela de cursos efêmeros e do paternalismo autoritário de receitas de leituras apostas a livros; que os autores se mobilizem no sentido de fazerem frente à escolarização de seus textos; e que os demais envolvidos – nós todos – discutamos nos circuitos, bastidores e arrabaldes da literatura infantil o caráter histórico da organicidade institucional dos livros infantis, refinando categorias para a compreensão dessa historicidade que também nos envolve, cumprindo, assim, de forma mais crítica, o papel que nos cabe, e que ninguém cumprirá por nós.

É fundamental que os professores, escritores e todos na sociedade tenham essa preocupação e cuidado, porque cada turma é diferente uma da outra, cada aluno é diferente um do outro, no pensamento, opinião, cultura, conhecimento, entre tantas outras diferenças.

Nota-se que a literatura permite o profissional docente adquirir essa visão, além de proporcionar ao sujeito o prazer de deixar-se levar pelo mundo da leitura e conseqüentemente do conhecimento, acumulando uma bagagem de informações o qual resulta na capacidade deste de olhar a sua volta com outros olhos, esses que, por sua vez, passam a fazer a leitura do mundo a partir de um indivíduo com novas potencialidades no olhar.

Ao ler uma história, é de extrema importância que seja levada em conta a linguagem contida no texto, pois essa deve estar adequada e direcionada ao público alvo, do contrário perde-se a atenção dos ouvintes quebrando o sentido e o encanto da história, além de provocar no indivíduo o desinteresse pela leitura. Todavia, isso não consiste em privar o sujeito de conhecer novas palavras, mas instigá-los ao mundo da leitura e a leitura de mundo por meio da arte literária.

O importante salienta que vivemos numa sociedade consumista a qual até mesmo a literatura passa a ser consumo, sua linguagem é bastante utilizada para anunciar os interesses de uma pequena classe dominante e alienar as pessoas. Conforme afirma Lajolo (2009, p. 106): “(...) A própria sociedade de consumo faz muito de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela (...)”. Ressaltando que ainda existem indivíduos que não possuem acesso à educação escolar e menos ainda à literatura, não levando em conta que ela também tem como função preparar o sujeito para atuar como cidadão, por isso:

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2009, p. 106).

Cada ouvinte e/ou leitor no decorrer de suas leituras vai acumulando um conhecimento adquirido em cada texto que leu ou ouviu obtendo suas significações que, por sua vez, compara a outros significados de textos diferentes. Assim sendo, entende-se que é preciso ler para compreender o homem, para compreender o mundo.

Um professor antes de assumir uma sala de aula deve entender que passa a ser uma espécie de espelho, o aluno se espelha no professor, obtendo-o como exemplo de maneira a seguir. Assim sendo, esse profissional não pode ensinar algo que não faça parte de suas práticas e de sua competência teórica, fica difícil ensinar, motivar, despertar no aluno a liberdade, interesse e gosto pela leitura se o próprio professor não gosta de ler, pois assim ao em vez de gostar de leitura a criança pode traumatizar-se com ela acarretando futuros problemas no decorrer de sua formação escolar. Acredita Lajolo (2009, p. 108) que:

A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.

Faz-se necessário que os professores, além de técnicas e teorias, também obtenham em sua formação diversas leituras para que de fato estejam engajados na leitura, que vivencie a literatura de maneira a adquirir uma gama de conhecimentos enriquecidos com as diferentes culturas encontradas nos livros, a fim de propor aos alunos uma aprendizagem de qualidade e melhor preparação para futuros leitores.

Todo profissional docente deve estar ciente de seu papel enquanto educador, e essa consciência deve ser desenvolvida no seu processo de formação, onde é o lugar cujo tem o dever de mostrar ao futuro professor a importância de seu papel, pois este tem em suas mãos muitos destinos e cabe a ele contribuir ou não positivamente na vida escolar e social de cada aluno, fazer despertar o olhar crítico do aluno perante a sociedade e o mundo ou formar um indivíduo alienado e consumista. É fundamental que todo professor faça essa reflexão individualmente e uma análise, levando em conta as suas práticas e métodos de ensino para então chegar ao seu inconsciente e trazer para o seu consciente as devidas respostas.

A educação infantil é uma modalidade de ensino cuja requer grande atenção e cuidados, devido ser um público mais sensível, ou seja, é a base para a construção de um mundo melhor. Por isso, o profissional para atuar nessa área além de obter a formação e compromisso com a educação, deve gostar do que faz e estar disposto a desenvolver trabalhos lúdicos necessários com responsabilidade para o acontecer de uma educação de qualidade, compreendendo a importância de seu papel em relação a infância.

3. PRINCÍPIOS NORTEADORES DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Os cursos de formação de professor devem proporcionar a esse futuro profissional não somente conhecimentos teóricos que muito contribuem na prática do professor, mas ir além despertando a consciência deste em relação à importância do seu papel o qual está voltado para a formação do ser crítico que se dá através do que se chama cuidar, brincar e educar. De acordo com Brasil (2013, p. 78) no Art. 56.:

A tarefa de cuidar e educar, que a fundamentação da ação docente e os programas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação instauram, reflete-se na eleição de um ou outro método de aprendizagem, a partir do qual é determinado o perfil de docente para a Educação Básica, em atendimento às dimensões técnicas, políticas, éticas e estéticas.

Através de metodologias inovadoras e lúdicas o professor, ciente de sua função, poderá desenvolver grandes trabalhos e obter êxito em suas aulas, fazendo com que os alunos se sintam mais motivados, porque estes aprendem o mundo e o compreendem através da ludicidade, da criatividade, da imaginação permitida pela idade.

Infelizmente na sociedade a qual vivemos atualmente, o trabalho do professor na maioria das vezes é desvalorizado devido ao baixo salário; considerada uma profissão na baixa posição social; atribuem a ela grande responsabilidade, como por exemplo, o de “salvar o país”; entre outros. Tudo isso desmotiva esse profissional docente, fazendo com que o seu trabalho termine por resultar na má qualidade ao ser obrigado a buscar novos caminhos, empregos, enfim, novas oportunidades.

Com isso nota-se que no Art. 57. “Entre os princípios definidos para a educação nacional está a valorização do profissional da educação, com a compreensão de que valorizá-lo é valorizar a escola, com qualidade gestorial, educativa, social, cultural, ética, estética, ambiental.”. (BRASIL, 2013, p. 78). É perceptível o fato de que é fundamental essa valorização, podendo ocorrer a começar pelos cursos de formação inicial e continuada com as orientações devidas as quais atendam as necessidades dos indivíduos.

O professor é indispensável para o processo educacional no país, para a construção da cidadania, para a descoberta do mundo. Não se faz um país sem a contribuição de um professor, porém isso torna-se possível desde que seja um trabalho em parceria entre educadores, alunos, família e comunidade, todos lutando em prol um mesmo objetivo que vem a ser a educação. De acordo com Brasil (2006) na Resolução CNE/CP N°1, de 15 de maio de 2006 no §1º, p. 1:

Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sócias, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo.

É através das relações com as diferentes opiniões, culturas, conceitos, teorias que se constrói o aprendizado e, é na interação com o mundo que esse aprender se consolida. Cabe ao professor estar de mente aberta para haver interação, e nessa mesma agir com um objetivo, com um intencional direcionado à formação consciente do indivíduo e à sua própria formação.

Em relação a literatura infantil, esta por sua vez, exerce grande função no que se refere a Educação Infantil. Entretanto, muitas vezes esta é vista e realizada como atividade de imposição, atendendo os anseios de um determinado grupo social, o que na maioria das vezes não promove à criança o seu interesse pela leitura, e assim não valorizando e menos ainda ensinando aos alunos o que realmente vem a ser literatura infantil devido conter e atender os interesses dos adultos inseridos numa determinada sociedade. Araújo e Pereira (2012, p. 119) acreditam que:

É necessário, portanto, que o educador tenha em sua formação as possibilidades críticas e reflexivas de ruptura desse viés autoritário e reprodutivista da sociedade, que se propalam, também, nas obras literárias e podem ser tratados de maneira diferenciada através da percepção mais aprofundada do caráter estético da obra literária e sua função fruidora (...).

Entende-se por esse problema a necessidade de se pensar na formação do pedagogo, fazendo as reflexões necessárias e cabíveis em vista a resolver essa questão que faz com que ao em vez da criança sentir prazer pela leitura, passa a contradizer, deixando passar essa parte primordial da infância. É preciso que nos cursos de formação do pedagogo seja trabalhado e incentivado o fato de que a literatura proporciona a interdisciplinaridade, porque através dela é possível

trabalhar muitas disciplinas e diferentes conteúdos. Porém muitas vezes a literatura infantil não é levada em conta, deixada até mesmo de ser inserida no currículo correspondente a formação do professor, esse é um problema que requer questionamentos e reflexões.

A literatura infantil está ligada à cultura, as pessoas precisam ser incentivadas para gostarem de cultura. A criança precisa ser estimulada a gostar de aprender, descobrir, e enquanto estiver na escola cabe ao pedagogo provocar esse estímulo que desperte sua curiosidade e criatividade, porque a ideia é propor aquilo que faz sentido para ela, “(...) Ademais, o conto de fadas oferece soluções sob formas que a criança pode apreender no seu nível de compreensão (...)”. (BETTELHEIM, 1980, p. 19). Porém, se o professor não tem esse conhecimento, esse estímulo, como ele irá ensinar, incentivar o que ele não sabe?

Essa questão é delicada e que suscita reflexão, pois a criança precisa ser motivada, o adulto tem que se dar a oportunidade de conhecer e vivenciar a cultura. Todavia muitas vezes esse processo torna-se difícil de efetivar, a sociedade a qual o indivíduo está inserido não oferece e/ou não abre espaços para que essa cultura possa acontecer.

Para o estudo brasileiro os avanços históricos alcançados pela visão de infância foram acompanhados pelo complexo do direito. No Brasil, destacamos a Constituição de 1988 que em seu Art. 205 nos mostra que todo e qualquer ser humano tem o direito a frequentar uma instituição de ensino, e que o Estado juntamente com a sociedade tem a obrigação de contribuir para a formação do indivíduo com a finalidade deste futuramente exercer sua cidadania além de atuar no mercado de trabalho. Brasil (2013, p. 81) mostra que:

O atendimento em creches e pré-escolas como um direito social das crianças se concretiza na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação, processo que teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação. A partir desse novo ordenamento legal, creches e pré-escolas passaram a construir nova identidade na busca de superação de posições antagônicas e fragmentadas, sejam elas assistencialistas ou pautadas em uma perspectiva preparatória a etapas posteriores de escolarização.

Com as novas demandas, fizeram-se necessárias novas questões, exigindo mais empenho da política de Educação Infantil em diversos aspectos voltados tanto

ao professor como também ao aluno e à realização das atividades da própria instituição escolar. A Nova Lei de Diretrizes e Base da Educação que rege ações, políticas e programas referentes a infância no campo da educação afirma que:

As instituições de Educação Infantil precisam organizar um cotidiano de situações agradáveis, estimulantes, que desafiem o que cada criança e seu grupo de crianças já sabem sem ameaçar sua autoestima nem promover competitividade, ampliando as possibilidades infantis de cuidar e ser cuidada, de se expressar, comunicar e criar, de organizar pensamentos e idéias, de conviver, brincar e trabalhar em grupo, de ter iniciativa e buscar soluções para os problemas e conflitos que se apresentam às mais diferentes idades, e lhes possibilitem apropriar-se de diferentes linguagens e saberes que circulam em nossa sociedade, selecionados pelo formativo que possuem em relação aos objetivos definidos em seu Projeto Político – Pedagógico. (BRASIL, 2013, p. 88).

O que pode-se perceber é quando se atende as necessidades no momento exigidas, outras novas surgem, isso porque a sociedade, o mundo está em constante processo de transformação, por isso é fundamental que sempre sejam realizadas reflexões, estudos, discussões relacionadas a educação de forma que seja possível inserir essas crianças e adaptá-las, sem exclusão, fazendo-as conhecedoras não somente de sua própria realidade, mas dos diversos contextos e culturas existentes, e tudo isso pode ser contemplado ao ser discutido e introduzido no currículo para que através de novas metodologias possam serem concretizadas com êxito chegando ao aprendizado. De acordo com Brasil (2013, p. 86):

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças, e afetam a construção de suas identidades.

Percebe-se então aí, uma concepção de currículo que na Educação Infantil o mesmo vem a ser uma diversidade construída por meio das relações entre as experiências e conhecimentos do senso comum e os saberes científicos e organizados. Isso porque a criança quando nasce já é inserida numa cultura situada em um determinado contexto social. Suas relações com os indivíduos a sua volta fazem com que passe a adquirir conhecimentos, formulando opiniões, questionando o que para ela é desconhecido; é uma transmissão de saberes os quais ocorrem no cotidiano e que ao chegar à escola, se depara com outras informações, porém estas sistematizadas, resultando numa troca de experiências. “(...) Assim busca compreender o mundo e a si mesma, testando de alguma forma as significações que

constrói, modificando-as continuamente em cada interação, seja com outro ser humano, seja com objetos.”. (BRASIL, 2013, p. 86). Sendo assim:

Uma atividade muito importante para a criança pequena é a brincadeira. Brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz. (BRASIL, 2013, p. 87).

É notória a importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem das crianças da Educação Infantil, o quanto elas crescem em termos de conhecimento quando o professor faz uso dessa ferramenta, crescimento esse não somente para a criança, mas também para o próprio professor, este como pessoa e profissional. Afirma Brasil (1998, p. 21):

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar (...).

O professor que ministra suas aulas envolvendo brincadeiras, jogos, músicas, contação de histórias provocando a participação dos alunos, despertando a curiosidade neles, ao mesmo tempo estará proporcionando-lhes a oportunidade não só de adquirir diversos e distintos saberes através da sensibilidade, imaginação e fantasia, mas contribuindo com a própria infância de forma a não deixá-la passar despercebida como antigamente, antes do século XVIII.

Seguido pela lei que passa a ver a criança como sujeito de direitos, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990, p. 44) em seu Art. 58 mostra que “No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.”.

É preciso que o trabalho a ser desenvolvido na Educação Infantil esteja relacionada aos diversos fatores, como éticos, políticos e estéticos, fornecendo informações através de metodologias criativas e lúdicas, as quais ensinem e reforcem várias questões que se fazem indispensáveis, como por exemplo, o

cuidado consigo mesmo e com o outro, o cuidado com a fauna e a flora, desenvolver o seu olhar crítico perante a sociedade e o mundo a sua volta, respeitar as diferenças, refletir suas práticas, conhecer os seus direitos e deveres proporcionando a cidadania, ser participativo, entre outros; “(...) Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças.”. (BRASIL, 2013, p. 89). Tudo isso deve ser contemplado no Projeto Político Pedagógico a fim de dar subsídios para a formação do ser social, político, cultural e acima de tudo, humano.

É imprescindível que na Educação Infantil o trabalho ocorre em parceria com as famílias, não há como negar esse fato, pois a criança nos seus primeiros contatos com a escola precisa passar por um processo de adaptação que, por sua vez, torna-se mais fácil com a ajuda da família.

Pode-se dizer o mesmo em relação ao desenvolvimento da criança na escola durante o ano, porque se professores e pais e/ou responsáveis trocarem informações entre si sobre o aluno, melhor será para os professores ao planejar e desenvolver suas atividades de forma a motivar o aluno a participar das aulas e até mesmo para resolver possíveis problemas, como também será melhor para os próprios pais e/ou responsáveis por lhes serem assegurados sobre o que acontece nas aulas e informados dos conteúdos e atividades realizadas, priorizando e possibilitando ao aluno um acompanhamento de ambas as partes, tornando o seu ensino e aprendizado mais contextualizado.

Deste modo leva-se em conta o que sabe e o que precisa saber, e o que é mais relevante para o processo garantindo assim um trabalho mais eficaz. Brasil (2013, p. 92) afirma que:

O trabalho com as famílias requer que as equipes de educadores as compreendam como parceiras, reconhecendo-as como criadoras de diferentes ambientes e papéis para seus membros, que estão em constante processo de modificação de seus saberes, fazeres e valores em relação a uma série de pontos, dentre eles o cuidado e a educação dos filhos. O importante é acolher as diferentes formas de organização familiar e respeitar as opiniões e aspirações dos pais sobre seus filhos. Nessa perspectiva, as professoras e professores compreendem que, embora compartilhem a educação das crianças com os membros da família, exercem funções diferentes destes. Cada família pode ver na professora ou professor alguém que lhe ajuda a pensar sobre seu próprio filho e trocar opiniões sobre como a experiência na unidade de Educação Infantil se liga

a este plano. Ao mesmo tempo, o trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil pode apreender os aspectos mais salientes das culturas familiares locais para enriquecer as experiências cotidianas das crianças.

Para que esse trabalho seja integrado, os professores devem compreender a importância da participação da família na escola, nos processos de tomadas de decisões, porque ambas participam da mesma educação do indivíduo, todavia cada um exerce com um papel diferente e as mesmas precisam adquirir respeito e compreensão para com a opinião e crítica do outro. Para isso faz-se necessário que professor, educadores, pais e/ou responsáveis obtenham um bom relacionamento afetivo, a fim de que possam ter um bom diálogo e comunicação.

Toda e qualquer criança tem o direito à educação, a frequentar uma escola, a receber um ensino e aprendizagem de qualidade, a ser bem recebida pela instituição de ensino, educadores e demais funcionários, e ser tratada por todos com igualdade, pois de acordo com Brasil (2013, p. 97) na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, em seu Art. 5º §1º “É dever do Estado garantir a oferta da Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção.”.

No Plano Nacional de Educação (PNE) também apresenta importantes metas objetivos referentes a Educação Infantil, tendo como foco a expansão e a melhoria do atendimento à infância definida como obrigação dos sistemas de ensino da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios.

Nesse aspecto o documento destaca a qualidade na Educação Infantil. Desta Assim, a atual Educação Infantil passa a trilhar caminhos em busca de estratégias adequadas para cuidar e o educar da infância, tendo a intenção de acolher às necessidades do corpo e mediar o desenvolvimento sociocultural das crianças desde o nascimento, assegurando-lhes os direitos previstos para esta etapa da educação, quais sejam: o direito a brincar, criar e aprender.

Aqui defendemos a ideia do exercício do conto, da poesia, da arte literária como instrumentos mediadores desse processo, artefatos culturais que possibilitam, ampliam a criatividade a aprendizagem como direitos da infância. Algo que também deve ser assegurados na formação dos profissionais que trabalham com essas crianças, no caso os pedagogos.

4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ARTE LITERÁRIA E COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

A contação de histórias vem a ser uma arte proporcionada pela Literatura Infantil que oferece as crianças um aprender de maneira mais lúdica e encantadora, ensinando o que é preciso sobre a realidade, visando à formação de um indivíduo cidadão atuante na sociedade, fazendo-o conhecedor da vida e crítico diante as diversas situações ocorrentes no mundo. É isso que um contador de histórias faz acontecer através de toda a sua empolgação ao não só contar histórias, mas também encenar, brincar, cantar, surpreender, sem deixar de esquecer que antes de tudo isso é preciso escolher a melhor forma de apresentar os contos.

Assim afirma Coelho (1999, p. 31): “Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la (...)”. Ou seja, são diversas formas e recursos especiais que dão suas contribuições para o espetáculo acontecer.

Afirmam Souza e Bernardino (s.d., p. 237): “(...) O ato de contar é o ato de criar através das palavras (...)”. Com isso querem dizer que quando se conta uma história ao mesmo tempo se cria, inventa na fala e nos gestos, é toda essa criatividade da vida que faz surgir no rosto de cada inocente o espanto, admiração, surpresa, abrindo as portas da imaginação.

Segundo Modesto, Rocha e Bitencourte (s.d., p. 3): “Tais prazeres precisam ser transportados para sala de aula através de uma utilização consciente e planejada dos recursos tecnológicos na contação de histórias (...)”.

Isso nos mostra que é preciso fazer um planejamento adequado e consciente sobre o uso da tecnologia na contação de histórias, para haver a introdução desse meio, mas ao mesmo tempo não perder a magia de ouvir e contar histórias, pois este muito ajuda a valorizar e a manter o brilho da fantasia em cada pequenino.

Sendo assim, “O pensamento só entra em ação quando ele é provocado pelo desejo, é o desejo que acorda o pensamento (...)”. (ALVES apud NITTA, 2010). Por isso, é fundamental o contador de histórias, podendo este ser o próprio professor,

dispor de técnicas as quais levem em conta a idade das crianças, recursos diversos para poder se apresentar e, sempre que possível tratar do conteúdo estudado ajudando os alunos à adquirirem maior interesse por aquilo o qual estão estudando, isso faz com que sintam prazer em estar ali e aprender, pois acabam vendo significado naquilo que fazem.

Afirma Coelho (1999, p. 13): “Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam (...)” Para escolher os recursos necessários a serem utilizados numa contação, o narrador deve levar em conta o espaço disponibilizado, local, número de ouvintes, o contexto no qual o indivíduo está inserido e faixa etária. Muitas vezes o público pode ser variado com diversidade de pessoas de todas as idades, culturas, entre outros.

O narrador ao escolher uma história também deve considerar o tempo cabível a cada público, do contrário pode ocorrer falta de interesse por parte de alguns indivíduos resultando na dispersão. Contudo no decorrer de uma contação alguns ouvintes se colocam a interromper a narração, diante dessa situação o contador deve dar continuidade à história fazendo gestos de forma que esse ouvinte compreenda e guarde o momento certo para falar.

Coelho (1999, p. 14) diz que: “A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral (...)”. Entretanto, não basta somente dispor de técnicas e recursos, mas também é importante o contador de histórias manter uma boa postura envolvendo o olhar de cada criança no ritmo da narração. Dependendo da forma como o contador conta a história, ele pode conseguir a atenção dos alunos e ao mesmo tempo conquista-los ou fazer desse momento um tédio o qual os alunos não irão prestar atenção.

Há certo tempo atrás, contar histórias na escola não era visto como algo o qual fornecia diversas contribuições para o desenvolvimento do aluno, porém considerado somente como uma maneira de entretenimento e distração, ou seja, era simplesmente contar por contar sem se dar conta da importância que traz. Todavia, no decorrer do tempo foram promovendo capacitações para um melhor preparo do professor de maneira a exercer tal tarefa, reconhecimento também alcançado por

muitas instituições que trabalham com a formação de professores; no caso as universidades e seus respectivos currículos.

Ouvir histórias é o começo para um caminho de aprendizagem, é a porta para o universo mágico da leitura e da escrita, é explorar o mundo através da fantasia, é expressar o sentido do aprender, em suma, ouvir e contar histórias é trocar experiências promovendo um ensino e aprendizagem mais significativo tanto para o educando como também para o educador. Segundo Abramovich (1997, p. 17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem – estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

A citação acima nos mostra que ler histórias para crianças é responder às inúmeras questões as quais surgem no imaginário de cada uma delas, é fazer descobertas voltadas aos muitos sentimentos e situações existentes no mundo, desenvolvendo a criticidade desses pequenos diante a tantos caminhos. Isso acontece porque as histórias trazem situações e personagens diferentes, que por sua vez, passam por problemas, conflitos, buscam soluções, ora as coisas dão certo ora não, contudo vivem momentos os quais se fazem presentes na sociedade, no dia a dia, deixando exemplos e lições de moral.

Ao contar uma história é preciso ter muito cuidado, pois não é simplesmente ler por ler, mas o fazer com responsabilidade e compromisso para com a infância, levando em conta o que é ser criança, o mundo a qual vive proporcionando uma aprendizagem não com uma aula, mas com o prazer despertado pela curiosidade e fantasia. Visto que, a contação de histórias também vem a ser uma arte cuja requer habilidade na voz, na expressão facial e corporal, sendo esta uma arte que brinca com as palavras e fala com o corpo promovendo harmonia, ritmo, simplicidade e conhecimento. De acordo com Coelho (1999, p. 20):

A escolha da história funciona como uma chave mágica e tem importância decisiva no processo narrativo. Falei chave, não falei 'varinha'. Chave requer habilidade para ser manejada – habilidade que se conquista com empenho e estudo.

Nota-se que é preciso saber escolher as histórias e obter conhecimento das mesmas antes de coloca-las em prática na contação, a fim de evitar deslizes e incômodos. Assim afirma Coelho (1999, p. 31):

Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la. Os recursos mais utilizados são: a simples narrativa, a narrativa com auxílio do livro, o uso de gravuras, de flanelógrafo, de desenhos e a narrativa com interferências do narrador e dos ouvintes.

Contudo, é importante adquirir esse prévio conhecimento, pois ler o livro antes permite ao indivíduo se preparar primeiro para quando for contar a história, saber como se expressar, o tom de voz a usar e os recursos que poderiam enriquecer ainda mais esse momento mágico e especial.

Em relação à simples narrativa, nesta não se faz necessário o uso de recursos além do próprio narrador em si e sua maneira de interpretar as histórias; o livro permite não somente a leitura da escrita, mas também da imagem, sendo esta importante para melhorar a interpretação da história fazendo parte desta; as gravuras possibilitam que o indivíduo volte maior atenção às particularidades da narrativa, fazendo uma reflexão detalhada; o flanelógrafo vem a ser um método fundamental para o desenvolvimento da criticidade e imaginação; quanto aos desenhos, esses deixam a criança curiosa além de chamar e até mesmo prender a atenção deles; já as interferências do narrador e dos ouvintes são de suma importância, pois através de uma intervenção do contador pode-se envolver a plateia inteira, deixando a história mais interessante tanto para o narrador como os ouvintes.

Acredita Coelho (1999, p. 44) que: “A interferência resulta da criatividade do narrador, que a incorpora ao texto para tornar a narrativa mais atraente. É um excelente recurso quando se trata de público numeroso, em locais abertos, facilitando a concentração dos ouvintes.”. Com isso, percebe-se que o narrador da história pode fazer essas interferências, de acordo com o seu imaginário, de maneira a envolver os próprios ouvintes, com essa participação o conto fica mais atraente para ambos e prende mais a atenção, porque esse método requer maior atividade de pensamento, não desconsiderando o fato de que também é fundamental a criança aprender a somente ouvir, saber esperar, respeitar e entender haver momento para tudo.

Uma história ao ser contada com encanto, de maneira expressiva e dinâmica, causa surpresa, admiração, espanto, curiosidade, dentre muitos sentimentos os quais precisam ser despertados na criança, de forma a fazê-la compreender o mundo a qual vive o meio social cuja está inserida. Entretanto, isso só será possível se o contador conhecer bem as crianças e o contexto em que vivem para então fazer a seleção das histórias mais adequadas e importantes a cada momento é contar com certa intenção direcionada ao público. Ressaltando que as descrições nesse campo não são de grande interesse para as crianças, além de impedir que o imaginário delas aconteça de forma criativa e prazerosa.

O próprio ser humano em si já traz consigo a necessidade de ouvir e ser ouvido, de contar e recontar diversas situações. Essa é uma atividade que ocorre no dia a dia das pessoas através de uma roda de conversa ou até mesmo pelo telefone, computador e outros meios existentes para a informação ser transmitida de um a outro. Todavia, “(...) É preciso educar os ouvidos pra gente ouvir e ouvir frequentemente as coisas que não são ditas (...)” (ALVES apud NITTA, 2010). Os contos de fadas permitem o indivíduo seguir muito além daquilo que não é dito, não é nem se quer mencionado, porque a imaginação tem poder quando manifestada, poder de transformar, transportar e transmitir ideias, pensamentos, atitudes; por isso é preciso despertar e educar essa sensibilidade humana, de forma que seja utilizada para fazer o bem a si e ao outro.

Ouvir uma boa história desperta muitas coisas na criança, como por exemplo a curiosidade em relação as palavras, fatos conhecidos e ao final do enredo; o desejo de conhecer novas histórias; buscar; questionar; imaginar; criar; saber ouvir; ler; escrever; refletir; entre muitas outras contribuições positivas para o desenvolvimento e formação do indivíduo enquanto criança, aluno e ser humano.

Existem livros que não possuem palavras, mas imagens, por sua vez narram as histórias, lembrando ser diversas as formas de narrativas visuais, pois “(...) Também existem livros em que algo do que foi desenhado se move pela página, e outros em que há partes recortadas, permitindo que se formem figuras novas e divertidas ou cenários diversificados (...)” (ABRAMOVICH, 1997, p. 26), ou seja, não somente palavras transmitem informações, um simples desenho pode até chamar mais a atenção da criança além de fazê-la entender toda uma história.

Em relação às histórias é fundamental voltar à atenção as imagens transmitidas às crianças, porque pode estar reforçando o preconceito e/ou racismo dentro delas. As imagens falam por si só, por isso é importante obter o cuidado para que o pequeno leitor desenvolva um olhar crítico, a fim de perceber os estereótipos existentes nas imagens fazendo-os compreender o fato de que estas não definem realmente quem somos ou deixamos de ser.

O humor na literatura infantil é importante e, por sua vez, segue além de comentários bobos para fazer o indivíduo sorrir à toa e até mesmo de piadas contadas, porque o humor permite ao leitor descobrir novos caminhos, explorar o mundo sorrindo sem um modelo certo a seguir, é causar espanto e admiração através do que significa criar, é conhecer o que não se conhece, é dar vida aos sonhos.

Segundo Abramovich (1997, p. 58):

Existem autores com visível bom humor na nossa literatura infantil e juvenil. Outros demonstram, numa ou noutra obra, capacidade de fazer rir, sorrir, gargalhar, perante um acontecimento. Outros têm uma boa idéia, outros conseguem uma grande sacada, outros colocam muita ironia e agudeza na boca dum dos personagens como contrabalanço pra seriedade geral etc. etc.

O humor faz da leitura uma brincadeira gostosa de fazer, propondo como consequência o conhecimento, o prazer pela leitura e a diversão naquilo que se chama aprender.

A poesia não vem a ser somente um gênero literário, segue muito além, é o sentimento expresso na alma do poeta podendo ser transmitida por meio de palavras, imagens, desenhos, na maneira de recitar, suspirar ou até mesmo no olhar despertando sentimentos de acordo com a intenção do autor. Em suma, a poesia é uma linguagem afetiva que gera encanto e fruição para ouvintes e apreciadores sejam eles crianças ou adultos.

Abramovich (1997, p. 67) afirma que:

A POESIA PARA CRIANÇAS, ASSIM COMO A PROSA, TEM QUE SER, ANTES DE TUDO, MUITO BOA! De primeiríssima qualidade!!! Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... Mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa... Prazerosa, divertida, inusitada,

se for a intenção do autor... Prazerosa, triste, sofrente, se for a intenção do autor... Prazerosa, gostosa, lúdica, brincante, se for a intenção do autor...

Com base nisso pode-se perceber a importância existente em trabalhar poesia com as crianças, pois esta é uma forma também de se contar histórias, entretanto com rimas e brincando com as palavras, ressaltando que o professor ao escolher uma poesia deve levar em conta à idade, fase e/ou série a qual a criança se encontra, porque isso influencia no seu desenvolvimento, aprendizagem, interesse e curiosidade.

Ao trabalhar com poesia, nesta não necessariamente precisa conter rimas apesar de tornar o assunto dinâmico, porém se obter é preciso atentar-se para que estas não estejam escritas de qualquer jeito a fim de causar tédio e desinteresse nas crianças. Sendo assim ainda de acordo com Abramovich (1997, p. 75):

(...) É simplesmente buscar o fácil, o rápido, o que geralmente resulta numa grandíssima bobagem, sem significado algum, sem acréscimo nenhum... E isso não é trabalhar com a palavra, não é rabiscar mil vezes até conseguir a musicalidade nova, a imagem que não esteja gasta, o efeito mágico e belo, a surpresa no rimar – obtendo novas possibilidades de dizer (...).

Ao escrever um poema deve-se trabalhar bem com as palavras, pois se forem rimar, essas devem ser produzidas com cuidado e responsabilidade de forma a surpreender o leitor, do contrário, quebra-se o encanto da poesia e a música contida nos versos. Percebe-se que a poesia também nos traz história acompanhada de mágicas sensações e sonhos que chegam ao nosso imaginário através de suas rimas e ritmos.

É importante contar histórias não só de contos de fadas, mas também que retratem as diversas situações e formas de vida relacionadas ao nosso contexto atual, como uma maneira de ajudar a criança a melhor se situar na sociedade a qual pertence e no mundo. Isso porque ocorreram e ocorrem a todo o momento muitas mudanças, inclusive no que se refere à própria estrutura familiar e através de uma contação de história cuja aborde determinada situação a qual a criança se identifica, ela poderá por meio da historinha encontrar a solução e/ou saber como se comportar diante do problema, contribuindo assim para o seu crescimento pessoal.

Em algumas histórias é abordada a questão da morte, esta por sua vez, deve ser ensinada para as crianças de modo verdadeiro, pois acredita Abramovich (1997, p. 113) que: “Tantas espécies de vida, tantas possibilidades de morte... É

fundamental discutir com a criança (...). Isso porque é uma situação a qual elas se deparam no dia a dia com notícias, comentários, enfim de diversas maneiras, mostrando que existem distintas formas de morte e de vida.

Para contar uma história requer preparação da parte do próprio contador, porque deve ser contada como ela realmente é, ou seja, com verdades as quais se mostram expressas no falar, olhar, gesticular, na interpretação do rosto, no aparecer da fada, no suspense, no choro, no sorriso, enfim no coração e cuidado de quem realmente o faz porque gosta e compreende a importância de um conto na vida de qualquer criança e até mesmo de qualquer adulto. De acordo com Abramovich (1997, p. 135):

(...) A questão é descobrir quem somos, perceber o quanto podemos, saber com quem contamos e o quanto desejamos (seja o que for) nos colocar em campo e lutar contra o adversário (e sempre por uma justa causa... conforme nossos valores, nossa percepção, noção de justiça ou injustiça etc.).

A autora nos mostra que as histórias também ajudam as crianças a si reconhecerem, ou seja, na construção da sua própria identidade, que por sua vez, faz-se necessário para o crescimento do indivíduo, proporcionando descobertas sobre si mesmo, a sociedade e o mundo a sua volta.

O livro, a leitura não devem ser algo imposto, mas escolhido por quem vai ler, um desejo despertado sem prazos e/ou tarefas determinadas. É função do professor ajudar o aluno a ver o livro não como um inimigo cuja leitura é um tédio, todavia contribuir para que o indivíduo tenha o livro como um amigo o qual leva-o a um mundo de encanto, inúmeras descobertas e conhecimento, compreendendo então a importância de tê-lo nas mãos.

Segundo Abramovich (1997, p. 140):

Começa que há uma obrigatoriedade de prazo, uma espécie de maratona, onde um livro tem que ser lido num determinado período, com data marcada para término da leitura e entrega de uma análise, e não conforme a necessidade, a vontade, o ritmo, a querência de cada criança – leitora...

Ler é se permitir emoções, é amar, é achar bobo e chato, mas também é gostar, chorar, cantar, se divertir, ficar triste, entre muitos outros sentimentos e reações que se fazem presentes na vida do ser humano. Após cada história contada é fundamental o professor propor um momento de discussão para os alunos

expressarem cada qual a sua própria opinião, ponto de vista, reação e/ou sentimentos.

A criança precisa não só ouvir histórias, mas ter o próprio contato direto com os livros, pegá-los, folhear, se encantar, descobrir por si mesma coisas fantásticas ou até mesmo não gostar de algum livro, não se interessar pela maneira de escrever de algum autor, achar determinado livro e/ou assunto chato e partir para outro, enfim, é deixar o aluno conhecer.

Abramovich (1997, p. 143) acredita que:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo.

Nesse caso, o professor tem o papel juntamente com a escola de propor atividades, espaços que permitem as crianças terem esse contato com os livros desde cedo, levando em conta o ponto de vista de cada um podendo ser positivo ou negativo, isso é importante para desenvolver o olhar crítico do aluno, o interesse pelo mundo da leitura e o seu crescimento tanto no conhecimento como pessoal.

Coelho (1999, p. 10) diz que: “(...) A história faz todos sorrirem, a aula passa a ser uma divertida brincadeira – e gente grande volta a ser criança.”. Contudo, escutar uma boa história agrada a qualquer público, não importa a idade, muitas pessoas deixam-se levar pelo encanto dos enredos e acabam se envolvendo com os fatos dando o seu ponto de vista diante as situações, o agir diferenciado e expressado no decorrer da narração, o que nos faz compreender a contação de histórias ser algo não só para crianças, mas pessoas de qualquer idade.

Afirma Coelho (1999, p. 14) que: “A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral.”. Com isso, percebe-se que é crucial o professor respeitar a faixa etária da criança, de forma que ao escolher uma história, essa esteja de acordo com a fase e crescimento do público alvo, promovendo o interesse e melhor compreensão por parte do leitor e/ou ouvinte.

O contador de histórias deve ser um indivíduo o qual gosta do que faz, tenha disposição, procure conhecer o seu público antes de selecionar a história, tende obter a preocupação e o cuidado para com a transmissão dos acontecimentos de fato como são na história, procurando atentar-se a sua própria postura, voz, expressão e isso somente ocorrerá se o contador realizar um estudo antecipadamente sobre a historinha a ser contada, adquirir conhecimento e clareza para então colocar em prática.

É através de uma simples conversa depois da história que se podem perceber grandes relatos de diferentes maneiras as quais causam surpresas para o narrador. O narrador cujo abre esse espaço de modo que as crianças possam se expressar, dizerem seus pensamentos, também abre a porta para o mundo das ideias e descobertas fazendo dos sonhos uma realidade de grande crescimento e magia.

Assim sendo, nota-se que “(...) O aprendizado é aquilo que fica depois que o esquecimento fez o seu trabalho.” (ALVES apud NITTA, 2010), ou seja, hoje em dia somos obrigados a decorar muitas coisas, porém o que realmente é necessário a mente não esquece e a contação de histórias contribui para que esse aprendizado aconteça de forma lúdica, divertida e infantil.

Apesar de tantos benefícios proporcionados pelos contos de fadas, existem discussões entre profissionais da educação e pais de alunos que revelam uma parte serem a favor afirmando ser algo positivo e de grandes contribuições para a criança, todavia a outra parte é contra e considera negativo, incentivam os pequenos a fazerem coisas ruins podendo causar sérios problemas não só enquanto na infância, mas futuramente. Segundo o que afirma Vieira em seu artigo publicado na revista Criança (2005, p. 8):

Há quem seja contra e quem seja a favor dos contos de fadas. Há quem considere encantadores os mitos e as lendas, como há quem os rejeite como mórbidos e perturbadores, mas atualmente não há mais quem discuta sua importância, sua atuação decisiva na formação e no desenvolvimento do psiquismo humano.

Infelizmente muitas pessoas ainda não se permitiram a oportunidade de se maravilhar com os contos de fadas ou até mesmo não obtiveram o contato direto com estes no decorrer de sua infância, no contrário poderiam perceber as inúmeras contribuições proporcionadas por uma simples contação de histórias, entre elas a

construção e reconhecimento dos valores para consigo mesmo, o outro e o mundo a sua volta.

Na verdade, os contos de fadas retratam a trajetória da vida humana que tem relação às transformações ocorrentes conforme as fases do homem, as coisas boas e ruins as quais acontecem no dia a dia, os sonhos almejados, as lutas visando satisfazer os desejos individuais, as dificuldades para alcançá-los, abordam também a questão dos valores, entre outros, pois assim diz Coelho em seu artigo publicado na revista Criança (2005, p. 12): “(...) É preciso descobrir que os contos de fadas têm na base a vida real (...)”, ou seja, as pessoas cuja ainda não compreenderam a importância da contação de histórias para o homem, principalmente trabalhando-a desde criança, são porque ainda não possuem o conhecimento de que há relação com a vida e muitas vezes ajudam a resolver, refletir e agir diante determinados problemas e/ou situações diversas.

Com a contação de histórias também é possível trabalhar por meio da interdisciplinaridade o que é essencial para o crescimento do alunado, com isso, pode-se estudar uma série de informações, aprender e se divertir ao mesmo tempo, tornando a aula prazerosa e produtiva não somente com um lápis e papel, mas com o imaginário infantil.

5. METODOLOGIA APLICADA

O estudo em questão se baseia na pesquisa qualitativa e participante, ambas centradas no processo de interação direta, no acontecer da prática.

Afirma Flick (2009, p. 38) que “A melhor forma de ensinar e de aprender a pesquisa qualitativa é o aprendizado na prática – o trabalho direto no campo e no material de pesquisa revela-se mais produtivo.”. Então, percebe-se que a pesquisa qualitativa permite ao indivíduo obter o contato direto com os materiais necessários e também com o campo referido, realizando-se assim um trabalho com maior produtividade e enriquecendo tanto de informações como de conhecimentos, permitindo ao pesquisador adquirir um olhar diferenciado, que por sua vez,

possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o que de fato é, descobrindo coisas que nos levam para além da sala de aula.

Quanto à pesquisa participante, essa é uma importante ferramenta da pesquisa qualitativa, devido o fato de que proporciona ao pesquisador além do estudo e da pesquisa, a interação direta com o objeto estudado possibilitando um conhecimento mais amplo, partindo da própria experiência, do seu processo de formação, pois “(...) a pesquisa participante considera que o conhecimento pode tornar-se um instrumento significativo de poder e controle e, ao mesmo tempo, um processo oportuno de formação (...)” (SANTOS, s.d., p. 3).

A pesquisa participante vem a ser uma nova descoberta nas ciências humanas e sociais que tem como base o senso comum, além de também fazer uso da ciência de maneira a propor um trabalho voltado a classe popular, pois de acordo com Rocha (2004), essa proposta apresentada visa acatar os conhecimentos prévios dos indivíduos, porque esses são construtores do conhecimento, de cultura, e a partir daí propor inovações através do conhecimento científico para a resolução de problemas ocorrentes na sociedade por meio de uma organização sistemática, e com isso oferecer um retorno aos indivíduos, contribuindo para uma mudança educacional e conseqüentemente, social.

Com isso investigou-se a relação existente da contação de histórias na educação infantil com o processo de formação do pedagogo/a, mostrando o quanto é fundamental para este, enquanto um ser atuante socialmente.

Dividimos a pesquisa em três momentos distintos e articulados entre si. No primeiro propomos um projeto de contação de história seguido de uma roda de conversa com as crianças, partindo de indagações sobre o tema, depois fizeram uma atividade de colorir pela qual foi possível perceber a imaginação utilizada pela criança. No segundo momento da pesquisa lançamos um único questionamento às professoras dos pequenos como forma de compreender o que pensam em relação a essa arte literária para o desenvolvimento da criança, fazendo uma análise do seu processo de formação. Com intuito de conhecer mais sobre o processo formativo dos pedagogos em formação, no terceiro momento da pesquisa passamos a participar das aulas de literatura infantil com o intuito de nos reaproximar dos estudos desta disciplina para revigorar convicções acerca de sua importância na

formação do pedagogo, bem como realizar reflexões com o grupo de alunos que lá cursam sob orientação de outra professora.

A pesquisa foi aplicada com os vinte alunos do Jardim I e os vinte alunos do Jardim II da Escola Municipal Dorinha Xavier; com os nove alunos do Jardim I e os treze alunos do Jardim II do Instituto Educacional Frei Galvão, cujos professores/as de ambas as escolas atuantes nas referidas séries deram seus depoimentos respondendo a seguinte questão: qual é a importância da contação de histórias para o aprendizado do indivíduo, este enquanto aluno e enquanto ser humano?

Ao chegar à sala de aula, teve-se como início uma pequena conversa para apresentação e introdução daquilo que seria realizado, despertando a curiosidade e expectativa das crianças.

Para alcançar os resultados aqui apresentados, foram necessárias as informações adquiridas através das atividades e rodas de conversas realizadas após a contação de histórias, de forma que fosse possível verificar como as crianças entendem a historinha, deixando a imaginação acontecer. Ressaltando também os depoimentos de quatro professoras relacionados à importância das histórias para o aprendizado e crescimento pessoal dos alunos.

A historinha contada foi “Os cinco patinhos”, cantada e encenada pelas próprias crianças nas quatro turmas, sendo uma de cada vez, como forma de observar e analisar as diferentes reações dos alunos no decorrer da narração, tanto na escola pública como na particular. A roda de conversa partiu de alguns questionamentos onde as crianças puderam se expressar deixando o imaginário acontecer. Após esse momento, foi realizada uma atividade para colorir, referida a historinha contada de forma a fixar e reforçar o que foi apresentado.

A análise dos dados se deu no decorrer da contação de histórias contendo fotografias, a roda de conversa, atividade para colorir sobre a historinha contada, os depoimentos dados pelas quatro professoras e também no embasamento adquirido nas pesquisas e estudos dos autores anteriormente citados neste módulo introdutório.

Através da aplicação do projeto foi possível constatar o fato de que a contação de histórias é a arte causadora de grande influência não somente no

processo de ensino e aprendizagem da criança, mas também na vida da mesma, causando grande impacto entre os conhecimentos prévios do indivíduo e o que se refere ao científico, despertando a criatividade e o desejo de querer saber mais, de buscar o conhecimento.

O estudo está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo aborda um pouco sobre a história da infância, faz uma discussão voltada à literatura infantil e a formação de professor; o segundo capítulo relata questões de currículo, alguns aspectos legais relacionados à formação de professor e à educação infantil; no terceiro capítulo é discutido a contação de histórias como arte literária; e o quarto capítulo nos mostra a metodologia aplicada, além da apresentação dos dados pesquisados.

5.1 Apresentação dos dados pesquisados

Como forma de analisar o impulso dado pela da contação de histórias sobre as crianças da educação infantil, foi desenvolvido um projeto sobre contação de histórias em duas escolas, uma pública e uma particular, sendo com os vinte alunos do Jardim I e os vinte alunos do Jardim II da Escola Municipal Dorinha Xavier, situada na Rua Monsenhor Hipólito, nº 551, no Bairro Centro, na Cidade de Picos/ Piauí, no dia 18 de novembro de 2015; e com os nove alunos do Jardim I e os treze alunos do Jardim II do Instituto Educacional Frei Galvão, situado na Rua São Francisco, nº 777, no Bairro Centro, na Cidade de Picos/ Piauí, no dia 19 de novembro de 2015.

Foi contada em ambas as escolas a história “Os cinco patinhos” cantada e encenada pelas crianças. Contudo as quatro professoras atuantes nos dois Jardins I e II das referidas escolas deram seus depoimentos respondendo a seguinte questão: qual é a importância da contação de histórias para o aprendizado do indivíduo, este enquanto aluno e enquanto ser humano?

Ao chegar à sala de aula inicialmente realizou-se uma conversa com o objetivo de apresentar e introduzir a historinha a ser contada, ficando os alunos na

expectativa e ansiosos, inquietos por verem alguns dos coleguinhos se vestirem de patinhos. Ao começar a historinha todos contavam com alegria e satisfação; ao mesmo tempo em que cantavam, eles brincavam, ficavam sorrindo, porém não deixavam de prestar atenção, não teve reclamações e nem desentendimentos com exceção de um aluno do Jardim I da Escola Municipal Dorinha Xavier ficou triste e zangado recusando-se até mesmo de fazer a atividade proposta, isso tudo porque queria ele ser um dos patinhos, se manifestando apenas após o término da historinha, mas procurou-se esclarecer e deu certo.

No decorrer da contação foi possível perceber o quanto as crianças se divertiam e o quanto ficaram surpresas com a fala da narradora antes de finalizar a história, muitas pareciam não obterem conhecimento de tal parte.

Em seguida, foi realizada uma roda de conversa com a finalidade de compreender se a história contada influenciou de alguma forma o pensamento da criança, e se despertou a sua imaginação, ouvir a opinião delas em relação ao que foi contado partindo das seguintes questões: quem gostou da historinha? Por quê? Qual foi a história? Que parte mais gostaram? O que não gostaram? Foi certo os patinhos terem se afastado da mamãe pata? Quem já viu um patinho de verdade? Que cor é o pato?

Para cada pergunta lançada uma surpresa se obtinha. Tanto na escola pública quanto na particular as crianças do Jardim I e II prestaram atenção e gostaram da história, todos eles já a conheciam e a maioria sabia cantar. Esse fato nos mostra que não importa a classe social ou até mesmo o contexto em que se está inserido, criança é criança em todo lugar, gostam de correr, brincar, sorrir, descobrir, aprender, imaginar, etc..., e a contação de histórias juntamente com um professor que de fato obteve e continua a obter formação e tem compromisso para com a criança, proporcionam grandes contribuições nessa fase a qual vem a ser a infância.

Acredita Bettelheim (1980, p. 25-26) que:

(...) os contos de fadas têm grande significado psicológico para crianças de todas as idades, tanto meninas quanto meninos, independente da idade e sexo do herói da estória. Obtém-se um significado pessoal rico das estórias de fadas porque elas facilitam mudanças na identificação, já que a criança lida com diferentes problemas, um de cada vez (...).

Isso acontece porque muitas vezes é na história que o indivíduo encontra soluções e/ou preparação para lidar com as dificuldades enfrentadas, se identificando com algum personagem ou situação que, por sua vez, sofre o mesmo problema.

No decorrer das respostas às perguntas realizadas às crianças, foi possível perceber quanta imaginação tem uma criança e o quanto gostam de criar. Uma criança disse que já havia visto um patinho da cor azul; e uma das partes que gostaram foi quando a mamãe patinha encontrou os seus filhotinhos, outros afirmaram que foi quando a mamãe patinha partiu a procura de seus filhotes, e assim seguiram diversas respostas diferentes.

Ao entregar a atividade, teve crianças que pintaram os patinhos todos de amarelo, mas a maioria pintou cada patinho de uma cor acreditando existir de todas as cores. A imaginação da criança é fértil, seguindo muito além daquilo que é real aos olhos humanos, acreditando na existência do que não existe:

Exatamente porque a vida é frequentemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para ser bem sucedida neste aspecto, a criança deve receber ajuda para que possa dar algum sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre a forma de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida (...). (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

Assim, é função do pedagogo trazer para a realidade a fantasia encontrada nas crianças e as respostas para as suas dúvidas, curiosidades e questionamentos, porque ela precisa descobrir o mundo e se descobrir, e o pedagogo deve conduzir esse processo de maneira a fazer com que a criança compreende e perceba significado naquilo que aprende, sendo o lúdico uma importante ferramenta nesse percurso, pois “A criança encontra este tipo de significado nos contos de fadas (...)”. (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

Ao término da atividade algumas crianças pediram para contar novamente a história enquanto outras pediam novas histórias, queriam contar também suas histórias. Era admirável vê-las tão empolgadas e cheias de desejos por histórias. Enquanto pediam, seus olhos brilhavam com a esperança de vivenciar novamente aquele momento. Nas quatro turmas pode-se perceber a alegria e satisfação das crianças, a empolgação nas falas durante a roda de conversa, ansiedade para o

início da historinha, expectativa, participação e atenção no decorrer da contação, risos e alegrias ao verem os coleguinhas fantasiados.

Quanto as quatro professoras, cada qual deu o seu depoimento relacionado a importância da contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem da criança dentro da escola e no mundo a sua volta. No decorrer de suas falas percebe-se que todas elas demonstram estarem cientes no grande valor existente num simples ato de contar e as contribuições que podem acarretar aos alunos e a si próprias. Visto que, a Professora (1) a qual atua no Jardim I da Escola Municipal Dorinha Xavier, é substituta formada em Pedagogia e Matemática, segundo ela:

A contação de história tem a importância de despertar no aluno a criatividade de se expressar e fazer uma viagem pelo mundo da imaginação. É uma das formas mais criativa onde a criança tem um interesse maior e aprendizagem é desenvolvida com mais êxito. A criança ela aprende muito nesta fase com a postura de um adulto através da fala e de gestos, pois eles são observadores e gosta também de imitações. São através dos exemplos que ele aprende, pois uma história pode trazer muitos ensinamentos para seu cotidiano. Para chamar atenção da criança tem que saber contar história.

Nessa fala nota-se que ela reforça a questão da importância das histórias e da postura do adulto diante as crianças, pois afirma ela que essa questão vem a ser um dos fatores que exerce grande influência no aprendizado desse ser infantil, torna-se uma espécie de reflexo no qual a criança se espelha desejando e praticando as mesmas ações e tomando as mesmas atitudes e comportamentos. Ela também ressalta o fato de que é fundamental o adulto saber contar a história, e esse saber está relacionado à formação de professores que, por sua vez, está voltada ao currículo. Considerando que a professora tem formação em matemática, é pouco provável que tenha cursado disciplina referente à literatura infantil.

A Professora (2) do Jardim II da referida escola pública, é professora titular formada em Educação Física e Curso Pedagógico, acredita ela que:

A leitura de histórias infantis, ajudam no desenvolvimento do pensamento cultural e na personalidade das crianças, ajuda a criança a ser mais responsável e crítica, desenvolve na criança o hábito pela leitura e amplia o vocabulário, por isso as escolas e os pais devem adotar a literatura infantil para a educação das crianças.

De fato, como ela afirma a literatura infantil é fundamental, todavia não deve ser desenvolvida só na escola com os educadores, mas também em casa com os pais, porque esse trabalho deve ser realizado em conjunto, numa parceria entre

escola e família que juntos podem contribuir para a formação de um indivíduo social, crítico e ativo mediante a sociedade e ao mundo. O professor traz essa função de formar indivíduos influenciando nos seus pensamentos, atitudes, tomadas de decisões; por isso é que o governo deve investir além da preparação desse profissional docente em um curso de formação, também proporcionar diversas possibilidades desse educador se constituir e empregar cada vez mais no conhecimento atualizando-se e dando continuidade no seu processo de aprendizagem. Sua resposta demonstra estudos realizados em seu processo formativo.

A Professora (3) atua no Jardim I no Instituto Educacional Frei Galvão, ela é professora titular da turma, formada em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Acredita ela que:

A importância para as crianças desse mundo da imaginação, dessas histórias infantis é porque a partir daí elas conseguem ter a oportunidade de despertar essa fantasia, essa imaginação que elas trazem em si. Crianças imaginam em cores, em como seriam as imagens, no tempo, na imaginação que bruxa é coisa de verdade, que o Papai Noel existe sim, pra as crianças tudo isso é uma fantasia, é um sonho, é uma imaginação. Então a gente tem que trabalhar isso com eles, eles tem que viver esse sonho. Se não fosse essa imaginação das crianças qual seria a felicidade delas? Quando a gente coloca que nem hoje essa atividade, patinhos, qual é a imaginação que passa na cabeça deles? Qual seria a cor dos patinhos? Pra eles, eles veem patinhos de várias cores, é um sonho, é o mundo que eles vivem, é essa imaginação.

Nessa fala percebe-se a importância que ela atribui às histórias, afirmando ser essa a felicidade da criança, porque é na contação de histórias que elas vivenciam o que sonham, é na literatura infantil que elas imaginam, criam, fantasiam, viajam sem se quer sair do lugar, compreendem o mundo a sua maneira e aos poucos vão amadurecendo seus pensamentos, suas ideias, seus desejos, sua criticidade perante ao meio social que o cerca. Ainda de acordo com a Professora (3):

Eu, eu é... particularmente gosto bastante de trabalhar contos com eles, historinhas infantis, procurar é... não repetir sempre a mesma, trazer bastante é... historinha diferente para que eles possam viver esse sonho, despertar essa imaginação. Esses dias eu trabalhei com eles uma história da Bela e a Fera, pra eles é um sonho, como que o príncipe virou Fera? O que aconteceu? A Bela não tem medo dele? Eles vivem todo esse sonho, essa fantasia, pra eles isso é real, é uma certeza.

Com isso percebe-se a competência de um profissional que reconhece, se preocupa e obtém responsabilidade com a infância, porque essa fase requer sensibilidade da parte do adulto e compreensão para lidar além da teoria estudada.

Percebe-se ainda a ligação de sua fala com a formação inicial desta. Trabalhar as histórias inovando faz da literatura infantil ainda mais especial do que já é. Levar para a sala de aula diferentes histórias é possibilitar à criança se deparar com muitas situações as quais despertam diversos sentimentos, criatividade e emoções.

Quanto a Professora (4), essa atua no Jardim II da escola particular mencionada, ela é titular formada em Pedagogia também pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), esta afirma que:

A importância está em resgatar o mundo imaginário, fantasioso que se perdeu no decorrer do tempo. A criança quando é despertada para leitura traz consigo aprendizagem, bagagem contextual desenvolvendo um intelecto dos mesmos, enfim, quando esses alunos têm o hábito a leitura irão trazer além do senso crítico, uma formação prazerosa de cidadãos conscientes e eficazes em tudo que exercer enquanto trabalho, profissão e vida pessoal.

Com isso nota-se que o aluno ao chegar à sala de aula já traz consigo conhecimentos adquiridos no seu dia a dia através das relações com a família e sociedade e o professor deve levar isso em consideração, partindo daquilo que o indivíduo já sabe, senso comum, para o que ele não sabe, o conhecimento científico. Contudo a literatura infantil permite essa relação e além de formar indivíduos leitores, críticos e conhecedores dos seus direitos e deveres, também permite um olhar diferenciado para si mesmo, para o outro, daquilo que vem a ser a vida e o mundo, isso acontece porque "(...) os contos de fadas dão contribuições psicológicas de tal forma grandes e positivas para o crescimento interno da criança.". (BETTELHEIM, 1980, p. 20).

Com base na experiência adquirida na aplicação do projeto, foi possível notar um pouco da grandeza que as histórias atribuem às crianças, a riqueza existente na literatura infantil, pois:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 1980, p. 20).

São muitas as contribuições fornecidas pelas histórias desde que sejam contadas por indivíduos que gostam e reconhecem o seu valor para as crianças, que tenham o cuidado e a preocupação de envolver os alunos no ritmo da narração, de

despertar nelas a curiosidade e o desejo de querer buscar o conhecimento, de soltar a imaginação e a criatividade para a então troca e construção de saberes.

Considerando as aprendizagens do processo de formação inicial e continuada, bem como o currículo presente nas respectivas formações, a Literatura Infantil pode ser um importante instrumento na sala de aula da Educação Infantil.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos e pesquisas realizadas no decorrer deste trabalho, pode-se concluir que desde o início da humanidade, o homem sempre teve a necessidade de se comunicar, isso é algo próprio do ser humano, e que a infância não era percebida como uma fase diferente a do adulto, de modo que não havia um cuidado específico. A partir do século XVIII devido às mudanças ocorrentes na sociedade precisou-se voltar um olhar diferenciado para a criança de forma a prepará-la para atuar na sociedade e no mundo, e com isso fazendo-se necessário o desenvolvimento das instituições de ensino e o surgimento da literatura infantil.

Visto que, a literatura infantil e a contação de histórias vem a ser uma arte indispensável para o processo de formação tanto da criança como também do pedagogo, porque proporciona ao aluno além do incentivo à leitura, aguça a imaginação, criatividade e conseqüentemente o conhecimento, e ao pedagogo/a a obtenção de saberes e fazeres importantes para suas aulas, dinamizando e inovando, procurando diferentes metodologias e estratégias sem deixar de lado a seriedade de sua formação, mas que resultem na eficaz condução de sua aula e do ensino e aprendizagem.

Na contação de histórias é muito importante não fazer somente uma simples leitura, mas também trabalhar com os sentimentos da criança, com os órgãos dos sentidos, expressões, entre outros, é prender a atenção, interesse e participação, fazendo perceberem significado naquilo que se chama aprender.

Em suma, contar e ouvir histórias são coisas prazerosas de se fazer, principalmente quando vemos a reação expressa em cada rostinho pueril que acompanha o ritmo da narração.

Assim, o pedagogo/a em sua formação deve realizar estudos que os prepare para trabalhar com artefatos da fantasia que despertam a imaginação, algo importante para a criança. Considerando também que este trabalha com a formação do leitor.

É preciso reconhecer que trabalhar a literatura infantil tendo como objetivo não impor conteúdo, mas deixar ela própria imaginar a sua maneira, criar seu mundo imaginário. Nota-se aí a importância de se inserir a literatura infantil no currículo da formação do pedagogo.

Nas reflexões despertadas nos três momentos da pesquisa nota-se grandes contribuições para o processo formativo tanto das crianças como a nossa própria formação, gerando compreensão e reconhecimento da importância de se fazer uso da arte literária no processo da educação e desta ser inserida no processo formativo do pedagogo.

Com a aplicação da pesquisa foi possível perceber que para a contação de histórias e literatura infantil não importa se a instituição de ensino é pública ou particular, pois ser criança independe da posição social, econômica e/ou cultura na qual o indivíduo se encontra, porque criança é criança em todo lugar, é permitir se maravilhar, é ser simplesmente simples.

De acordo com a indagação realizada para as quatro professoras, é notório que nas falas mostram-se conhecedoras da influência proporcionada às crianças pela contação de histórias, embora somente a formação de algumas corresponda ao proposto.

Quanto as aulas que frequentamos na disciplina de Literatura Infantil tanto como aluna, quando cursamos a referida disciplina, quanto com observação participante da disciplina no atual período 2015.2, reforçaram ainda mais o valor contido nessa ferramenta que é indispensável para o crescimento profissional e até mesmo pessoal, corroborando com o fortalecimento de minha própria identidade docente.

Por fim é possível afirmar que a literatura desperta, motiva no ser humano o desejo de buscar conhecimento, de imaginar, pois conhecer e entender o próprio homem e o mundo é ser livre, é ser crítico perante a qualquer situação e o pedagogo juntamente com a escola e a família é quem deve mediar esse processo numa construção coletiva e colaborativa.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**/ Fanny Abramovich. - São Paulo: Scipione, 1997. – (Pensamento e ação no magistério)

ARAÚJO, Rute Pereira Alves de; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. **Literatura Infantil e Currículo – Repensando a Formação de Pedagogos**. Espaço do Currículo, v. 5, n. 1, pp. 117-129, Junho a Dezembro de 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/viewFile/14050/7984>>. Acessado em: 7 dez. 2015 às 19h e 31min.

ARIÈS, Philippe, 1914 – 1984. **História social da criança e da família**/ Philippe Ariès; tradução de Dora Flaksman. – 2.ed. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: LTC, 2011, pp. 17-31 e 99-113.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise do contos de fadas**/ Bruno Bettelheim: tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, pp. 11-28.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. CAPÍTULO III – DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO ESPORTO. Seção I – DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/10/docs/constituicao_federal_de_1988_-_da_educacao.pdf>. Acessado em: 13 fev. 2016 às 21h e 18min.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8.069, de 13 de junho de 1990. 7ª Edição. Versão atualizada 2012, pp. 42-44. Disponível em: <<http://9cndca.sdh.gov.br/legislacao/Lei8069.pdf>>. Acessado em 13 fev. 2016 as 17h e 22min.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, pp. 78-100. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&category_slug=abril-2014-pdf&Itemid=30192>. Acessado em: 7 dez. 2015 às 19h e 38min.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acessado em: 13 fev. 2016 às 22h e 08.

_____ Plano Nacional de Educação. Lei Federal n.º 10.172, Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2001.

_____ **Resolução CNE/CP N°1, de 15 de maio de 2006.** Conselho Nacional de Educação: Conselho Pleno. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp0106.pdf>>. Acessado em: 13 jan. 2016 às 10h e 50min.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil/** Lígia Cademartori. – 2.ed. – São Paulo: Brasiliense, 2010, pp. 7-38. – (Coleção primeiros passos ; 163)

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar: Um diálogo entre a teoria e a prática.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, pp. 88-91.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade/** Maria Betty Coelho Silva. – 10. ed. – São Paulo: Ática. 1999. 78p. : il. – (Educação)

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas.** Revista Criança: do Professor de Educação Infantil. Ministério da Educação (MEC), n. 38, p. 10-12, 2005.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa/** Uwe Flick; tradução Joice Elias Costa. – 3.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009, pp. 37-49.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo/** Marisa Lajolo. São Paulo. Editora: Ática, 2009, 112p.

MODESTO, Isva Maria; ROCHA, Janete Batista; BITENCOURT, Ricardo Barbosa. **As novas tecnologias e a contação de histórias em sala de aula.** In: 3º SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO: REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM, s.d., Pernambuco. Anais Eletrônicos. Pernambuco, s.d., p. 1-19. Disponível em: <www.ufpi.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-1010/Isva-Modesto&Janete-Rocha&Ricardo-Bitencourt.pdf>. Acessado em: 03 jul. 2013 às 10h e 13min.

NITTA, Aurea. Vídeo: **Aprender a Aprender.** Março de 2010. Integrante da coleção Rubem Alves – ATTA Mídia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t6d4Ku4jpu4&list=PL06CE5C74A52CF9A6&index=3>>. Acessado em: 21 out. 2015 às 17h e 43min.

_____ Vídeo: **Aprender a Fazer.** Março de 2010. Integrante da coleção Rubem Alves – ATTA Mídia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hHXKy5LIMc&index=4&list=PL06CE5C74A52CF9A6>>. Acessado em: 21 out. 2015 às 17h e 52min.

_____ Vídeo: **Aprender a Ser.** Março de 2010. Integrante da coleção Rubem Alves – ATTA Mídia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ykTVjILFy-l&index=1&list=PL06CE5C74A52CF9A6>>. Acessado em: 21 out. 2015 às 17h e 24min.

ROCHA, Eliza Emília Rezende Bernardo. **A Pesquisa Participante e seus Dobramentos – Experiências em Organizações Populares.** In: 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2004, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004. Disponível em:

<file:///C:/Users/Cliente/Downloads/participa%C3%A7%C3%A3o-do-pesquisador.pdf>. Acessado em: 10h e 25min.

RODRIGUES, Jaqueline Lira. **Contaçon de histórias na educação infantil [manuscrito]: uma experiência na prática docente.**/ Jaqueline Lira Rodrigues. – 2011. 46f.: il. Color.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **Pesquisa Participante ou Pesquisa Participativa: mais um tipo de abordagem qualitativa em pesquisa.** Publicado no site www.lcsantos.pro.br. s.d. Disponível em:

<file:///c:/Users/Cliente/Downloads/49_PESQUISA_PARTICIPANTE_PESQUISA_PARTICIPATIVA01042010-185828.pdf>. Acessado em: 25 jan. 2016 às 10h e 21min.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contaçon de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.**

Revista de Educação: Educere Et Educare, vol. 6, nº 12, jul./ dez. 2011, pp. 235 – 249. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/4643/4891>>.

Acessado em: 03 jul. 2013 às 10h e 46min.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. **O Papel dos Contos de Fadas na Construção do Imaginário Infantil.** Revista Criança: do Professor de Educação Infantil. Ministério da Educação (MEC), n. 38, p. 8-9, 2005.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HLEVIDIO NUMES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

A proposta se integra uma pesquisa qualitativa sobre **O IMPACTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOBRE AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Desenvolvida pela discente Maria de Sousa Veloso; sob a orientação da Professora Mestre Maria da Conceição Rodrigues Martins para composição do TCC do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí – UFPI, CAMPUS – PICOS.

PLANO DE APLICAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ESCOLA MUNICIPAL DORINHA XAVIER

- Conversa inicial com as crianças (apresentação, introdução da historia a ser contada);
- Contação de histórias: **OS 5 PATINHOS** (cantada e encenada pelos alunos);
- Roda de conversa (discussão sobre a historinha contada levantando as seguintes questões: Quem gostou da historinha? Por quê? Que parte mais gostou? O que não gostou? Foi certo os patinhos terem se afastado da mamãe pata? Quem já viu um patinho de verdade? Que cor é o pato?);
- Atividade: desenho para colorir dos 5 patinhos e a mamãe patinha;
- Depoimento das professoras, respondendo a seguinte questão: Qual é a importância da contação de histórias para o aprendizado do indivíduo, este enquanto aluno e enquanto ser humano?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HLEVIDIO NUMES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

A proposta se integra uma pesquisa qualitativa sobre **O IMPACTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOBRE AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Desenvolvida pela discente Maria de Sousa Veloso; sob a orientação da Professora Mestre Maria da Conceição Rodrigues Martins para composição do TCC do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí – UFPI, CAMPUS – PICOS.

PLANO DE APLICAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ESCOLA:
INSTITUTO EDUCACIONAL FREI GALVÃO

- Conversa inicial com as crianças (apresentação, introdução da historia a ser contada);
- Contação de histórias: **OS 5 PATINHOS** (cantada e encenada pelos alunos);
- Roda de conversa (discussão sobre a historinha contada levantando as seguintes questões: Quem gostou da historinha? Por quê? Que parte mais gostou? O que não gostou? Foi certo os patinhos terem se afastado da mamãe pata? Quem já viu um patinho de verdade? Que cor é o pato?);
- Atividade: desenho para colorir dos 5 patinhos e a mamãe patinha;
- Depoimento das professoras, respondendo a seguinte questão: Qual é a importância da contação de histórias para o aprendizado do indivíduo, este enquanto aluno e enquanto ser humano?

ESCOLA: DORINHA XAVIER.

NOME: Isabela

SÉRIE: 1ª SÉRIE: Fund. I TURNO: Matutino

DATA: 18/11/2015.

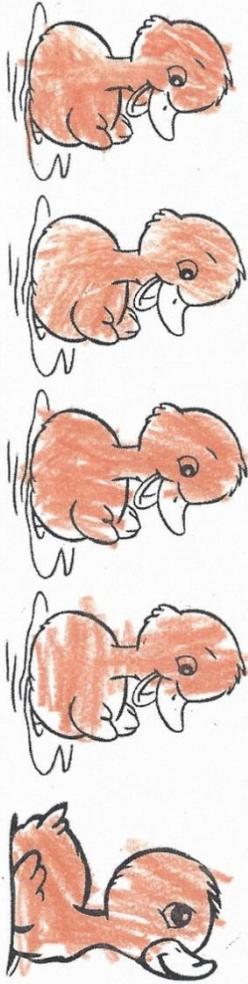


ESCOLA: DORINHA XAVIER.

NOME: Adriel

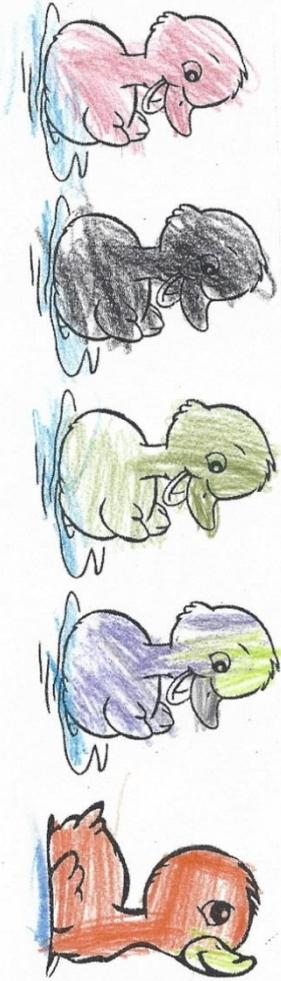
SÉRIE: Fundam I. TURNO: manhã

DATA: 18/11/2015.



ESCOLA: DORINHA XAVIER.

NOME: Carla Keirish da Silva SÉRIE: P5 TURNO: manhã DATA: 18/11/2025

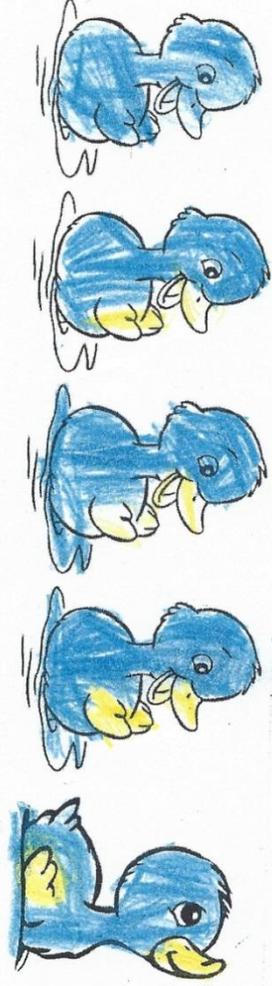


ESCOLA: DORINHA XAVIER.

NOME: Kellyanny

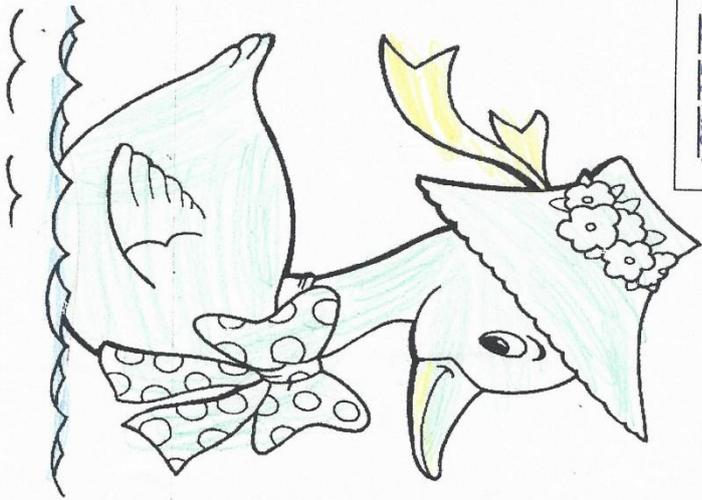
SÉRIE: 2ª F

TURNO: matutino DATA: 18/11/2019



ESCOLA: INSTITUTO EDUCACIONAL FREI GALVÃO.

NOME: ALANNA MIRIAN SÉRIE: fundim. TURNO: manhã DATA: 19/11/2015.



ESCOLA: INSTITUTO EDUCACIONAL FREI GALVÃO.

NOME: MELARINE SÉRIE: fundamental TURNO: manhã DATA: 29/11/2015



ESCOLA: INSTITUTO EDUCACIONAL FREI GALVÃO.

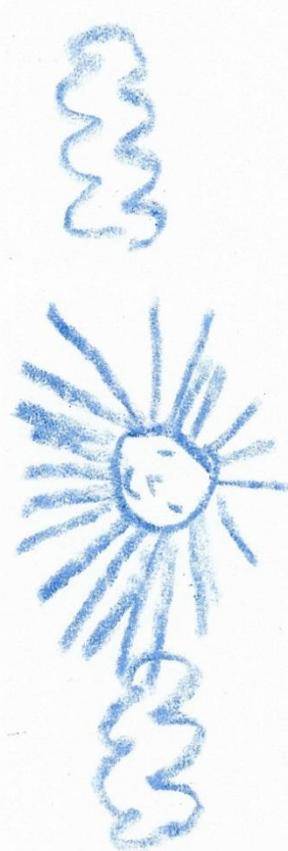
NOME:

Adriana

SÉRIE:

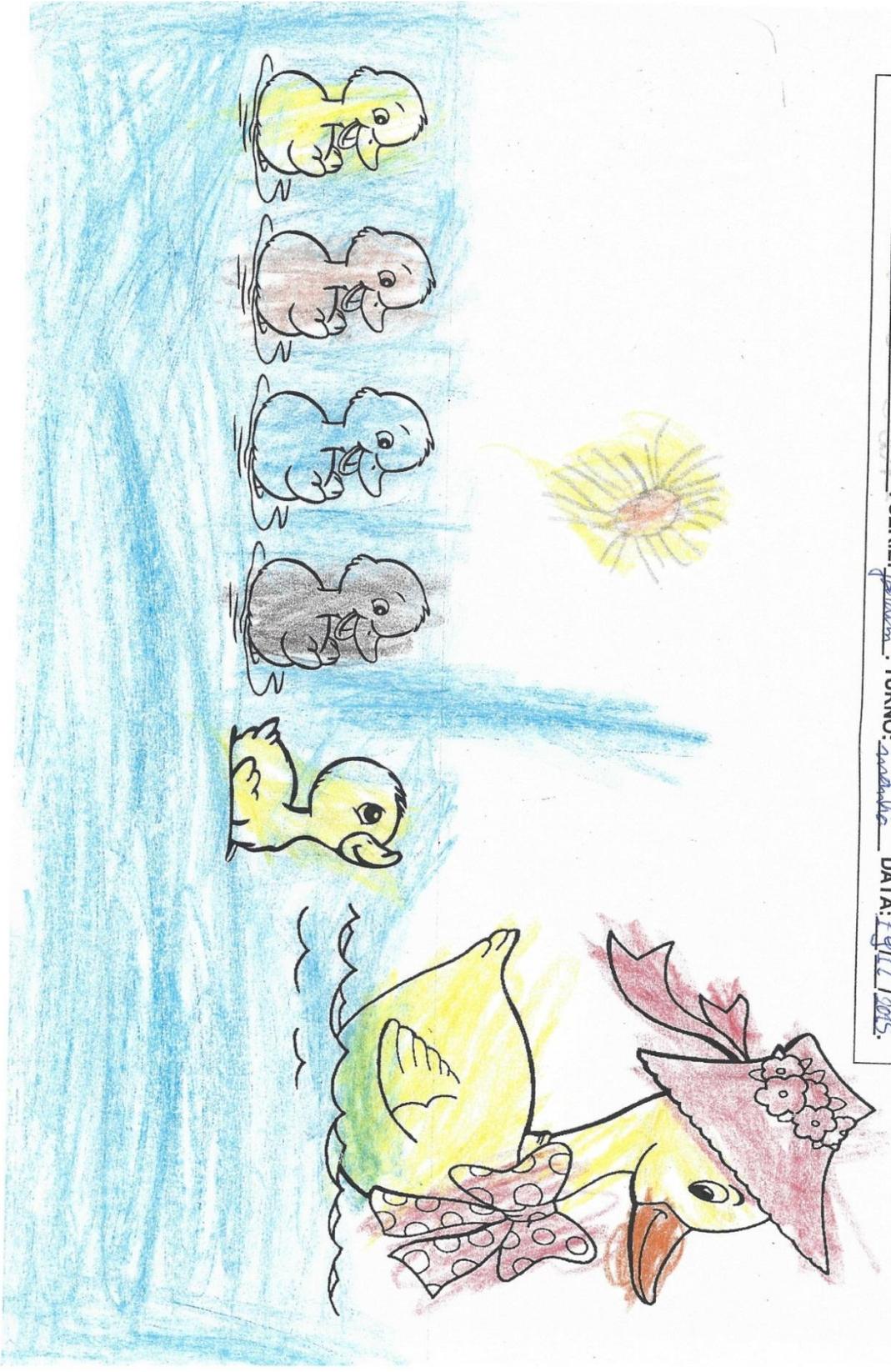
Português II

TURNO: *manhã* DATA: *29/11/2015*



ESCOLA: INSTITUTO EDUCACIONAL FREI GALVÃO.

NOME: matheus carlos SÉRIE: fundin TURNO: manhã DATA: 19/11/2015.



Escola Municipal Dorinha Xavier – Jardim I



Escola Municipal Dorinha Xavier – Jardim II



Instituto Educacional Frei Galvão – Jardim I



Instituto Educacional Frei Galvão – Jardim II



ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUMES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Ofício: 02

Ilmo.(a) Diretor(a) da ESCOLA MUNICIPAL DORINHA XAVIER - (DIRETORA:
NORMÉLIA LEAL BARROS GOMES) –

Salas :Jardim I e II;

SOLICITAÇÃO

Solicitamos sua valerosa permissão para a realização da aula da aluna Maria de Sousa Veloso, formanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI)-, sob a orientação da professora Mestre Maria da Conceição Rodrigues Martins, esta ocorrerá no dia 18 de novembro de 2015.

Informamos ainda que o momento proposto configura-se como uma pesquisa ação colaborativa para composição do trabalho de Conclusão de Curso da discente.

Desde já agradecemos a contribuição de Vossa senhoria.

Maria da Conceição Rodrigues Martins
Professora da Universidade federal do Piauí UFPI –CSHNB

SIAPE 2062227



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Ofício: 02

Ilmo.(a) Diretor(a) da ESCOLA: INSTITUTO EDUCACIONAL FREI GALVÃO -
(DIRETOR: EDSON JOSUÉ VIEIRA DE SÁ) –

Salas :Jardim I e II;

SOLICITAÇÃO

Solicitamos sua valerosa permissão para a realização da aula da aluna Maria de Sousa Veloso, formanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI)-, sob a orientação da professora Mestre Maria da Conceição Rodrigues Martins, esta ocorrerá no dia 19 de novembro de 2015.

Informamos ainda que o momento proposto configura-se como uma pesquisa ação colaborativa para composição do trabalho de Conclusão de Curso da discente.

Desde já agradecemos a contribuição de Vossa senhoria.

Maria da Conceição Rodrigues Martins
Professora da Universidade federal do Piauí UFPI –CSHNB

SIAPE 2062227



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 Monografia
 () Artigo

Eu, Maria de Sousa Veloso,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A contação de história na educação infantil no processo de
leitura e ludicidade e a formação do pedagogo X professor
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 20 de junho de 2016.

Maria de Sousa Veloso
Assinatura

Maria de Sousa Veloso
Assinatura